

dmad

REVISTA DAS FILHAS DE MARIA AUXILIADORA

2014

Anno LXI Mensile
n. 7/8 Luglio/Agosto

Poste Italiane SpA
Spedizione in Abbonamento
Postale
D.L. 353/2003
(conv. in L. 27/02/2004 n° 46)
art. 1, comma 2 - DCB Roma



PALAVRAS E GESTOS DE DOM

dma

Revista das Filhas de Maria Auxiliadora
Via Ateneo Salesiano, 81 - 00139 Roma
tel. 06/87.274.1 • fax 06/87.13.23.06
e-mail: dmariv2@cgfma.org

Diretora responsável

Mariagrazia Curti

Redação

Giuseppina Teruggi

Anna Rita Cristaino

Colaboradoras

Tonny Aldana • Julia Arciniegas

Patrizia Bertagnini • Mara Borsi

Carla Castellino • Piera Cavaglià

Maria Antonia Chinello

Emilia Di Massimo • Dora Eylenstein

Maria Pia Giudici • Gabriella Imperatore • Palma Lionetti

Anna Mariani • Adriana Nepi

Maria Perentaler • Loli Ruiz Perez

Debbie Ponsaran

Maria Rossi • Bernadette Sangma

Martha Séide

Tradutoras

francês • Anne Marie Baud

japonês • inspetoria japonesa

inglês • Louise Passero

polonês • Janina Stankiewicz

português • Maria Aparecida Nunes

espanhol • Amparo Contreras Alvarez

alemão • inspetorias Áustria - Alemanha

EDIÇÃO EXTRACOMERCIAL

Instituto Internacional Maria Auxiliadora

Via Ateneo Salesiano 81, 00139 Roma

c.c.p. 47272000

Reg. Trib. Di Roma n. 13125 de 16-1-1970

Sped. abb. post. – art. 2, comma 20/c,

lei 662/96 Filial de Roma

n. 7/8 julho-agosto de 2014

Tip. Instituto Salesiano Pio XI

Via Umbertide 11 00181 Roma

USPI

ASSOCIADA

UNIÃO IMPRENSA PERIÓDICA ITALIANA

Edição em Português



SUMÁRIO

04 **Editorial** *Um pequeno pedaço de história*
Giuseppina Teruggi

05 **Dossiê** *Palavras e gestos de dom*

Primeiro plano

10 **Espiritualidade Missionária** *Ângela, a «Mãe Boa»*

11 **Alma e direito** *O preço da vida*

13 **Cultura ecológica** *Conversão ecológica*

14 **Fio de Ariadne** *A relação*



Em busca

18 **EJS- Culturas** *Felizes no tempo e na eternidade*

19 **Pastoralmente** *Os Jovens e a Liturgia*

21 **Um olhar sobre o mundo** *Um pátio na cidade. Projeto Pátio 13*



Comunicar

23 **Faz-se para dizer** *Trocar*

24 **Mulheres no contexto** *A ética no modelo feminino de liderança*

26 **Vídeo** *Philomena*

27 **Livro** *A pirâmide do Café*

29 **Música e teatro** *O empenho social na música*

31 **Camilla** *A lição...*





Um pequeno pedaço de história

Giuseppina Teruggi

Se alguém perguntava a Dom Bosco o que ele sonhava para os seus jovens, o Santo respondia sem hesitação: quero que sejam “felizes no tempo e na eternidade”. E relacionava a *felicidade* com a *bondade* e com a capacidade de *dom*, para construir um pequeno pedaço de história. Ele mesmo era exemplo com seus gestos e suas escolhas cotidianas. As Irmãs e as meninas do Colégio de Mornese e de Nizza sentiam em Madre Mazzarello uma verdadeira “mãe”, solícita, terna, intuitiva.

Pela sua capacidade de dom, Madre Ângela Vallese – cujo centenário de morte celebramos em agosto – foi definida a “mãe boa”, de coração grande, olhar atento e mãos empreendedoras. Boa porque fascinada pela bondade de Deus, por sentir-se amada por Ele e a Ele aberta no dom de si, impregnado de gestos, também heroicos. Mulher do Evangelho, ela privilegiou os pobres, os excluídos, todos os relegados nas periferias, no “final do mundo”, na Patagônia meridional.

A bondade e a capacidade de dom, na espiritualidade e na pedagogia salesiana, são dimensões permutáveis, inseparáveis. Constituem as premissas para o amadurecimento das atitudes relacionais saudáveis e felizes, para tornar o ambiente comunitário lugar de relações que humanizem.

Os artigos deste número da Revista levam a refletir sobre estes aspectos típicos do carisma salesiano, a partir da consideração de que a vida concreta é incessante espaço de dom recebido e oferecido, do qual a mulher, em particular, sabe ser protagonista. João Paulo II falou do “gênio feminino” referindo-se exatamente a este traço da sua identidade.

O que vale realmente e permanece na vida? O que convence os jovens e as pessoas em geral? Sobretudo o testemunho de pessoas boas de coração, prontas ao dom, até o ponto de esquecer-se de si mesmas pelos outros.

“A vida é um dom ligado a um respiro/, deveria agradecer quem se sente vivo”, afirmava Renato Zero em uma canção dedicada a João Paulo II. E continuava: “o bem... é um dom que se deve aceitar, compartilhar e depois restituir”, porque tudo na vida é dom que pede para ser retribuído. De fato, está na natureza do dom, orientar à partilha, abrir ao Outro, aos outros. Devemos saber investir nos dons, nos talentos que recebemos sem conservá-los para nós mesmos.

A vida é um laboratório onde diariamente se aprende a amar, a se doar, a tecer relações vitais, às vezes alegres e tranquilas, outras vezes reservadas e difíceis. A vida é realmente a arte de amar, de doar-se, que se aprende no dia a dia. E tudo na vida é dom: cada encontro, cada sorriso, cada acontecimento. Um novo dia é uma ocasião única para nos tornar aquilo que somos: amor que se doa, e doando-se experimenta a felicidade de transformar um pequeno pedaço da história.

gteruggi@cgfma.org



Palavras e gestos de dom

Mara Borsi

Quando se fala de “dom”, vêm à mente muitas situações. Esta palavra lembra algo de belo e agradável. De fato, os dons pressupõem um sentimento de afeto para com alguém e os objetos que são doados o representam. O “dom” é realmente tal se for espontâneo e livre, se deixar o outro livre, se for feito com gratuidade, com *des-interesse*.

No comércio há troca, interesse, lucro, conveniência. As relações entre as pessoas ocorrem num outro plano, que não reduz as pessoas a “mercadorias”.

O dom comporta outro modo de pensar a vida e o mundo.

Sem nada em troca

Quem faz a experiência do “dom” torna-se mais pessoa. O dom faz crescer, tanto quem o oferece como quem o recebe: o dom faz com que todos se sintam bem!

Dar e receber presentes lembra-nos de que, no fundo, nós pessoas humanas somos pobres porque necessitamos de tudo, mas somos também fundamentalmente ricos porque capazes de dar.

Quem é “pobre” sabe pedir, rezar e até mesmo implorar. Quem é pobre sabe agradecer e demonstrar gratidão de muitos modos. Quem é “rico”, para ser realmente homem entre os homens, deve saber fazer-se irmão, solidário com os demais, estar atento ao próximo e até mesmo ser capaz de prevenir as necessidades dos semelhantes. Ainda mais, o dom exprime alegria, felicidade: “Há maior felicidade em dar do que em receber” (At 20, 35).

A capacidade de receber e de dar está presente em todos, mas deve ser educada, aprimorada, revigorada, exercitada. É valioso, aqui, o treinamento, o exercício de dedicação aos demais, tanto pessoalmente como em comunidade. O dom pede para ser imitado: num contexto no qual se doa gratuitamente aprende-se a doar e gera-se uma espécie de “circularidade”.

O dom é a expressão do que há de mais profundo e precioso nas pessoas: a sua espiritualidade.

Refletindo sobre o dom, é possível focalizar outro aspecto fundamental: a vida foi-nos dada - é um dom - e nós a recebemos gratuitamente; “tornamo-nos grandes” e “somos grandes” quando colocamos tal dom em bom uso com generosidade. É propriamente nisto que consiste a *espiritualidade* dos seres humanos, vale dizer, o que verdadeiramente nos torna mulheres e homens.

O conjunto dos “valores” que o dom traz consigo é extremamente rico e amplo.

O dom, feito ou recebido, exprime que cada ser humano tem necessidade de ser amado e de amar, é capaz de acolher e de doar; diz que a pessoa não se contenta com objetos materiais ou com sentimentos superficiais, mas requer uma atenção mais profunda, “espiritual” precisamente; revela que todo ser humano é capaz de interioridade e de transcendência, de “ir além” de si mesmo e das aparências, “dentro” de si e “dentro” das coisas, “para além” de si e “para além” das coisas imediatas.

Levar a sério o dom, nos seus vários aspectos, significa escutar a forte pergunta de significado e de sentido que emerge em cada pessoa tentando responder aos muitos “por quês” que os homens e as mulheres se colocam desde sempre.



Intérpretes do dom

Há pessoas que fizeram de suas vidas um dom aos outros, a exemplo de Jesus. Suas escolhas de vida e seu modo de viver são mensagens eloquentes.

Raoul Follereau: o vagabundo da caridade

Um dos gigantes injustamente esquecidos pelo século XIX é Raoul Follereau (1903-1977). Realizou 32 voltas em torno do mundo para derrotar uma doença infame como a lepra. Pediu em vão às superpotências atômicas o equivalente a dois bombardeios aéreos para curar os leprosos. Mas, sobretudo nas cartas aos jovens, lançadas anualmente a partir de 1961 até a sua mensagem-testamento de 1977, deixou ao mundo uma mensagem que soa até agora revolucionária e atualíssima: «Ninguém tem o direito de ser feliz sozinho».

Em 1955, às pessoas que escutam o seu famoso *Discurso sobre a caridade*, relata este episódio: « São dez horas da noite. Estou cansado. Preciso de solidão e de silêncio. Batem à porta! Hoje bateram tantas vezes à porta! Perco a paciência e vou abrir. Ali está um menino, franzino e pálido... Entregue-me uma carta sem me dizer uma palavra e desaparece [...] Abro a carta. Dentro há 25 francos com este escrito: “ Senhor, aceita de um operário no seu sexto ano de doença, esta modesta soma, para não privá-lo da alegria de ajudar os mais infelizes ”».

E Follereau conclui o seu discurso assim: « Durante longo tempo os homens viveram uns ao lado dos outros. Hoje compreendem que devem viver todos juntos... Uns para os outros. A única verdade é amar-se uns aos outros».

Em 1962, ele escreve aos jovens: « Dirijo-me a vocês jovens de todas as nações. Porque vocês possuem o maior poder do mundo: o futuro... Os homens só têm esta alternativa: amarem-se uns aos outros ou desaparecer. É preciso escolher. O mais rápido possível. E para sempre...

Por isso um só legado: sejam intransigentes no dever de amar. Não cedam, não aceitem qualquer compromisso, não retrocedam. Riam daqueles que lhes falarão de prudência, de conveniência, que os aconselharão a manter o justo equilíbrio... A maior desgraça que pode acontecer a um ser humano é não ser útil a ninguém, e sua vida não servir para nada...

Sejam impetuosos e exigentes. Conscientes do dever que têm de construir a felicidade para todos os homens, seus irmãos ».

Em 1974, no limite de suas forças dirigindo-se aos membros de sua associação diz: « Quanto mais minha vida se aproxima do fim mais sinto a necessidade – e o dever – de repetir sem tréguas: é amando o mundo que nós o salvaremos ».

Dom 3 P

« O discípulo de Cristo dá testemunho de Cristo. O testemunho cristão vai ao encontro das dificuldades e pode encontrar o martírio. É um pequeno passo, antes, é exatamente o martírio que dá valor ao testemunho ».

Estas palavras de Padre Pino Puglisi, proclamado Beato em 25 de maio de 2013, ressoam como uma profecia.

3P, como os seus rapazes gostavam de chamá-lo, foi assassinado pela máfia há vinte anos, foi testemunha no sentido literal do termo (do grego, mártir), foi exemplo de uma santidade feita não só de virtudes privadas, mas também públicas: empenho civil, grande paixão pela justiça, coragem profética, denúncias, liberdade dos condicionamentos dos poderosos do mundo.

A sua luta foi, sobretudo cultural: fazer emergir a cultura mafiosa que trazemos dentro de nós. O seu modo de se fazer dom no decorrer dos dias escavou na vida dos jovens do bairro de Brancaccio, em Palermo, e muitos hoje levam adiante a sua luta em prol da cultura e da civilização.

« Não falamos da máfia como se fosse algo fora de nós; falamos da mafiosidade, do mal barato que está dentro de nós. Quem de nós não tem acesso nem que seja apenas a uma pequena, minúscula procura dos três ídolos dominantes: o dinheiro, o sucesso, o poder? Façamos então um ato de coragem e apontemos o dedo para nós mesmos, dizendo: eu começo aqui e agora. Alguma coisa mudará certamente, pelo menos naquele pedaço de mundo que nos foi confiado ».

Confrontar-nos com o modo de fazer-se dom de Padre Pino oferece-nos a ocasião de tomar consciência da mafiosidade que existe dentro de nós: atitudes de passiva resignação diante do mal, silêncios, cumplicidades. Padre Puglisi dizia: «*não tenho medo das palavras dos violentos, mas do silêncio dos honestos*».

A luta contra a criminalidade organizada, realidade globalizada presente em todos os continentes com seus tentáculos de morte, será ineficaz enquanto continuarmos a não reconhecer a 'lógica mafiosa' nos nossos pequenos atos de prevaricação e de compromisso cotidiano.

O primeiro passo para se tornar testemunha autêntica da cultura do dom é criar a *mentalidade nova do homem novo, da mulher nova*: um trabalho pessoal para identificar a raiz do “pensamento mafioso” presente dentro de nós.

De fato, a máfia antes de tudo é um modo de pensar o mundo e as relações, uma cultura fundamentalista.

Eis algumas atitudes típicas dos mafiosos: sentir-se 'superiores a', não respeitar as normas, fazer-se norma para si mesmos, considerar o outro como instrumento e usá-lo como tal, não levar em conta a opinião do outro, pois é o outro que deve dobrar-se/adequar-se, procurar

proteção, conspirar, renunciar a pensar autonomamente, submeter-se ao mais forte.

Diante de tudo isso podemos perguntar-nos: quantas vezes no cotidiano, nas pequenas coisas propomos comportamentos que contrariem um modo de pensar desse tipo? Quando estacionamos em fila dupla ou passamos adiante na fila de um guichê, quando não pagamos o bilhete de ônibus, quando desperdiçamos os saquinhos de plástico ou não respeitamos a coleta de lixo diferenciada, quando procuramos recomendações para facilitar o percurso de uma prática ou transgredimos a sinalização da estrada, quando delegamos a outros a fadiga de pensar ou calamos por temor reverencial, quando..., quando..., quando... O elenco pode continuar e se tornar muito longo. Com estes comportamentos não estamos talvez alimentando a cultura mafiosa do desrespeito, do desprezo das regras de convivência civil, da subordinação/submissão a uma pseudo-autoridade que nos expropria da subjetividade pessoal?

O fazer-se dom de Padre Puglisi e o seu martírio nos convidam a construir comunidades adultas na fé, capazes da coragem profética, de assumir responsabilidades na história; são estímulos a criar percursos de formação ao compromisso civil e político que partam da concretude da vida cotidiana.

Romina: Os dons de Benguela

No mês de agosto deste ano, no final do meu curso de formação e com trinta anos nos ombros, também eu parti para uma experiência de voluntariado, graças ao VIDES internacional, e me hospedei na comunidade FMA de Benguela, na costa meridional de Angola.

Foi um mês de muita vida no centro “Laura Vicuña”. Despertar-me com as vozes festivas das crianças do turno matutino, tê-las ao redor o dia todo e ainda, ficando até o entardecer, com o terceiro e último turno da escola, fez com que cada jornada se ampliasse e se tornasse muito mais longa do que vinte e quatro horas.

“A Laura”, assim conhecida no bairro, é muito mais do que uma escola, ou uma obra social. É uma casa, e logo percebi isso. O primeiro grande dom recebido foi a *acolhida*. Mil e oitocentas crianças que não me conheciam abriram para mim os seus braços, sem hesitar. Às vezes com sorrisos, outras vezes apenas com olhares demorados e plenos de interrogações, ofereceram-me a sua companhia. E depois, a sua curiosidade, o desejo de conhecer uma pessoa aparentemente tão diferente e o seu entusiasmo ao mostrar-me seus jogos: desde a fabricação de bonecas com meios rudimentares, até as acrobáticas dinâmicas de “*macaca*” e “*garrafinha*”. Aquelas tardes eram belas, ainda mais belas porque eram momentos que estavam fora das atividades planejadas, vividos unicamente na alegria da partilha. Ensinei a fazer alguns trabalhos com papel, e braceletes de barbante com as cores

angolanas; às vezes, a pedido, contava com simplicidade as histórias da “minha terra”.

Sentia-me acolhida, e também *reconhecida*: naquilo que estava fazendo, naquilo que estava descobrindo em mim mesma naquele momento. Sentir-me chamar pelo nome na rua cada vez que voltava da praia, causava-me forte sensação. Reconhecer-me no *outro* e ser reconhecida por ele, foi a grande riqueza da qual me fiz dom. Eu não conseguia lembrar todos os nomes, mas nenhum daqueles rostos me passava despercebido; em cada um achava o modo de encontrar um pouco de mim mesma, de maneira nova.

Sinto de haver doado ainda com a minha paixão pelo ensino das línguas e com o desejo de apostar nas aulas, de dialogar. E com a minha *escuta*; *foi este* talvez o meu dom mais autêntico. Em torno de uma fogueira na festinha na casa de uma jovem professora do Centro, nas missas animadas por coros festivos, enchi os meus ouvidos e o meu coração com as melodias das canções *umbundu*, dos “hinos” para a fé, escritos por jovens da minha idade com música no sangue, e entoados por vozes fortes, em ritmo de passos de danças e batidas de palmas.



Levo comigo, deste mês de doações e recepções, a riqueza de cada olhar recebido e oferecido, sempre mais consciente de que é a intenção e o amor que colocamos em cada gesto que transforma a realidade. (Romina Lucchetti, VIDES Internacional 2013).

O dom das mulheres

O testemunho de Romina dá ocasião para uma forte tomada de consciência do dom de ser mulher, e para perceber a riqueza que a presença da mulher pode propiciar à vida de cada pessoa e da sociedade inteira.

Passam diante dos olhos imagens como a carícia de uma jovem mulher no rosto cansado e sofrido de um idoso; a proximidade de algumas mulheres que posam ao lado de pessoas que sofrem, com a discrição e a naturalidade de quem faz uma escolha óbvia; a profundidade da fé de tantas mulheres que sabem entregar-se por amor à pessoa do Senhor Jesus; a dedicação de tantas mães que enfrentam a vida

cotidiana com serenidade: as crianças que devem ser levadas para a escola, o trabalho doméstico, o cuidado da casa, um telefonema para a avó, os gastos: mulheres fiéis às suas escolhas, sustentadas pela decisão um dia tomada, de darem o máximo de si mesmas, não vivendo só para si.

Jornadas completas, realizadas em conjunto, não se sabe como. É assim, talvez, que no dia a dia se manifesta a fecundidade e a força do “gênio feminino”.

É o gênio de uma dedicação cotidiana levada adiante com naturalidade, sem amarguras, sem escrever no livro dos próprios créditos aquilo que se faz para fazer crescer a família, a comunidade, o contexto de trabalho, o bairro, o vilarejo, a cidade.

Há a extraordinária necessidade de mulheres que estejam dispostas a apostar radicalmente na sua genialidade, no mundo de hoje, o qual corre o risco de murchar na cultura da vantagem pessoal, do individualismo e do interesse egoísta.

Há necessidade de pessoas que ainda sejam capazes de gratuidade, de atenção à pessoa; capazes de tecer a trama forte das relações feitas de solidariedade e de dedicação.

O dom maior

A Eucaristia é o dom que Jesus nos fez antes de dar-nos um acordo de compromisso na casa do Pai.

Ricardo Tonelli, salesiano, perito em Pastoral Juvenil, falecido em outubro de 2013 na certeza da ressurreição de Jesus, no seu último livro – *Viver de fé em um período como o nosso* - escreve: « A Eucaristia é um dom tão grande que jamais será compreendido apenas por meio da meditação e do estudo; ele deve ser experimentado para ser descoberto e vivido. É experimentado pessoalmente no seio materno da comunidade eclesial, à qual o dom da Eucaristia foi confiado ». Tonelli convida a pensar a celebração eucarística como um fragmento de futuro, como a alegria de poder fazer uma parada, a fim de reencontrar a força e retomar o caminho quando for necessário.

«A Eucaristia é a festa cristã do presente entre passado e futuro, entre memória e profecia: o tempo do futuro nos sinais da necessidade, tão eficaz e potente

ao ponto de gerar vida nova. Memória solene e eficaz do passado, ela reescreve no hoje os grandes eventos da salvação.

Restitui o presente à sua verdade pela força dos eventos. Imerge no futuro a nossa plena partilha no presente, naquele fragmento do nosso tempo que é todo ele dom inesperado e imprevisto ».

Na Didaché lê-se que o tirano da cidade de Abilene havia proibido os cristãos de participarem da Eucaristia, sob a pena de morte violenta. Eles respondem com uma afirmação eloquente: «Sem o domingo não podemos viver».

Para eles a Eucaristia celebrada no domingo representa realmente aquele pedaço de futuro que restitui a possibilidade de viver em festa mesmo o duro tempo do presente, sobretudo quando marcado pelo sofrimento, pela luta e pela cruz.

Em nível pessoal e comunitário precisamos estar atentos, ou melhor, estar continuamente redescobrimo a Eucaristia como o maior dom que Jesus nos deixou.

Precisamos combater sempre a tentação de reduzi-la a um rito vazio e formal.

A Eucaristia é memória, atualizada e empenhativa, da Páscoa do Crucificado Ressuscitado. Ela é a páscoa cotidiana porque entrega a nossa busca de sentido, de vida e de felicidade à morte de Jesus acolhida como gesto supremo de amor, como condição fundamental para a vida.

«Fazei isto em minha memória» é antes de tudo um convite a confiar de tal modo no mistério de Deus ao ponto de entregar a própria vida para que todos tenham vida em abundância.

mara@cgfma.org



O alfabeto do dom

Gestos

Palavras

Lampedusa foi a primeira viagem do Papa Francisco. Uma viagem não programada, mas querida por inclinação. Foi para lá como o Bom Samaritano. Chorou os outros 20.000 mortos sepultados no mar.

Chorar...
*re-aprender a nos
proteger, uns aos outros*

Casal do Marmo, quinta-feira santa. O Papa lava os pés de 12 jovens presos e assim explica o seu gesto: «Lavar os pés quer dizer: “Eu estou ao teu serviço”...o que significa isto? Que devemos ajudar-nos, uns aos outros. Este sinal é uma carícia de Jesus».

Acariciar: Ajudar...
estar disponíveis a servir

Audiência geral: 5 de junho de 2013. Como autêntico “pai dos pobres”, que é o antigo título do bispo, Papa Francisco critica a cultura do descarte. O alimento que é jogado fora é como se fosse roubado à mesa de quem é pobre, de quem tem fome!

Compartilhar...
*para expressar o desejo
de que o outro viva*

O carro papal. Também no Brasil ele renunciou ao tradicional limusine e afirmou: «As minhas escolhas, mesmo as ligadas à normalidade da vida, como usar um carro modesto, estão ligadas a um discernimento espiritual que responde a uma exigência que nasce das coisas, do povo, da leitura dos sinais dos tempos».

Discernir...
*para fazer escolhas
solidárias, sóbrias e justas*

Santa Marta. «Uma coisa fundamental para mim é a comunidade. Ele procurava sempre uma comunidade. Eu não me via padre sozinho: preciso de uma comunidade. E o fato de eu estar aqui em Santa Marta, explica isto».

Viver juntos...
*sem rostos e encontros,
a vida não tem sabor*

dma primeiro plano

Aprofundamentos bíblicos,
educativos
e formativos





Ângela, a «Mãe boa»

Maike Loes

Tendo deixado definitivamente a Ilha de Dawson, os missionários, as missionárias e um grupinho de indígenas chegam a Punta Arenas e em seguida partem para a missão da Candelária. No porto, espera-os Ir. Ângela Vallese.

No momento do desembarque os indígenas, tímidos, embaraçados, meio perdidos, repetem humildemente: “Mãe boa... Mãe boa!...”.

Ir. Ângela chama-os pelo nome um a um, e a cada um dirige uma palavra materna.

O Evangelho de Marcos narra que, enquanto «Jesus saía para viajar, alguém veio-lhe ao encontro, ajoelhou-se e lhe perguntou: “Bom Mestre, o que devo fazer para herdar a vida eterna?”» (Mc 10, 17). A pergunta dirigida a Jesus é feita por uma pessoa que O reconhece não somente como Mestre, mas como um *Mestre bom*.

No Sistema Preventivo, a bondade, o *ser bom*, é um elemento essencial; é um modo de ser que distingue um educador salesiano de todos os outros. É a bondade que conquista e transforma, aproxima e compreende, ama e educa. Por trás da bondade, do *ser bom*, esconde-se o bem, o verdadeiro, o belo!

Ir. Ângela Vallese era chamada pelas pessoas, sobretudo pelas crianças e mulheres com as quais tinha contato, “a Mãe boa”.

As pessoas a reconheciam não somente como “Mãe”, mas como uma “Mãe boa”. Nesta missionária da primeira hora encontra-se o *bem*, o *verdadeiro*, o *belo* segundo o Evangelho. Encontra-se uma Mãe de coração grande, olhar atento e mãos empreendedoras.

Lendo a biografia de Ir. Ângela Vallese descobrimos nela a missionária «severa consigo mesma, sempre a serviço, delicada e compreensiva com os outros, procurando entender e prevenir suas necessidades, doando afeto e esperança».

No início da missão, quando ainda não lhe era possível comunicar-se com palavras, Ir. Ângela falava com a doçura do seu sorriso, com a ternura ao ocupar-se das crianças, inspirando confiança às mães.

Toda segunda-feira era sempre a primeira na lavanderia e, nas casas onde não havia..., precedia as Irmãs no riacho onde, nos longuíssimos meses de inverno, era preciso quebrar o gelo e arregaçar as mangas com a força da alma. As mãos de Ângela enrijeciam-se e o seu rosto empalidecia com o frio dos pampas.

Cantarolar ficava difícil!

Certo dia Ir. Ângela perguntou à Ir. Josefa Picardo, que havia chegado à Patagônia com apenas dezesseis anos de idade e ainda não estava habituada ao clima frio: «Diga-me, minha filha, você está sentindo muito frio, não é mesmo?». Ir. Ângela aperta-lhe as mãos entre as suas e com o seu olhar procura aquecer o coração da Irmã. À noite, quando tudo silencia na casa, exceto o vento, coloca um cobertor a mais na cama de Ir. Josefa.

Era precisamente aquele tirado do seu leito.

As suas mãos sempre vão exprimir sua materna bondade não somente para com as Irmãs, mas também para com os indígenas.

Escolhe para si os trabalhos mais difíceis e pesados: prepara o alimento, costura para as crianças e para as mulheres, ensina-lhes com paciência a usar a água e o sabão e «durante horas dedica-se ao banho das índias, ajudando-as a lavar-se e a eliminar os parasitas dos cabelos. O seu amor de Mãe vai além do desconforto que instintivamente cada pessoa pode experimentar ao fazer semelhantes trabalhos». Com afeto, acolhe todos não obstante o mau odor e a sua sujeira, pois se ungem com a gordura da baleia para defender-se do rigor do vento polar. Visita as suas barracas, onde as crianças não apenas brincam com os cachorros, mas também dividem com eles a comida e a cama.

Encontra as famílias indígenas, «aproxima-se de seu sofrimento com afeto materno enquanto sussurra: “Pobrecitos, pobrecitos”, pobrezinhos. Doa

a todos: cobertores, roupas, alimentos... Um testemunho de afeto. Chama a cada um pelo nome e oferece uma carícia, uma palavra de aproximação, um sinal que permanece vivo na lembrança ».

Quando visita as Irmãs, sobretudo na Ilha de Dawson, as mãos de Ir. Ângela vão carregadas de materna solicitude, de provisões de todo o gênero, porque conhece as pobreza do lugar e as dificuldades que são muitas: o ferro de passar roupa, o amido para os modestinos, algumas panelas, sabão, agulhas, dedais, tecidos, pentes..., tudo isso para alegrar as filhas distantes e ainda desambientadas naquela terra, sonhada e amada, mas sempre “no fim do mundo”.

A “Mãe boa” é uma mãe que sabe cuidar... Tanto diante do Tabernáculo, onde recarrega as forças e alimenta a santidade do cotidiano, como por trás do vidro de uma janela – em Punta Arenas – onde uma pequena vela ilumina a escuridão do Estreito de Magalhães, como sinal de uma presença para quem na escuridão da noite deve enfrentar a incerteza do mar.

Na comunidade ela é capaz de intuir toda pequena ou grande necessidade. Quantas vezes secretamente conserta a roupa branca das Irmãs!

E quando percebe que alguém precisa cerzir o próprio hábito – pois nenhuma delas tinha dois – espera que a Irmã vá dormir e depois, «cautelosa e silenciosamente leva-o consigo». Trabalha a noite toda. De manhã a Irmã, ao se levantar, encontra o hábito em ordem.

Quando alguma delas adocece, é Ir. Ângela que cuida da enferma noite e dia. « Sabe intuir um simples mal-estar, uma fugaz melancolia; até mesmo pelo modo de

falar, de olhar, de rir compreende se as suas filhas têm alguma coisa. Então, aproxima-se com pronta caridade e sussurra delicadamente: “O que você tem? Posso ajudá-la? Estou aqui para você...”.

«E quanta solicitude para conservar a harmonia em casa, para manter alegres suas filhas tão sacrificadas e tão longe de todos, para preparar-lhes uma agradável surpresa, lembrar o aniversário de alguma pessoa querida, procurar o descanso em um belo passeio».

O que importa?

«Para Ir. Ângela Vallese os sacrifícios não contam mais quando a graça triunfa nas almas!»

O que importa se na casa falta o necessário? O que importa gastar as mãos no tanque de lavar ou amassando o pão...? O que importa se falta a lenha e é preciso percorrer seis ou sete quilômetros, com tempo marcado para buscá-la? O que importa ter as mãos inchadas pelo frio e pelas frieiras rasgadas pelos espinhos, endurecidas pelo uso da enxada com a qual se sulca com esforço o árido terreno...? « Tudo é nada, desde que Deus reine! Este é o estilo de Ir. Ângela Vallese ».

“Mãe boa”. “Mãe dos Índios”. “Mãe branca”. Não importa como a chamam. Para os seus *fueguinos*, Ir. Ângela Vallese foi verdadeiramente Mãe. Nela eles encontraram o *bem*, o *verdadeiro*, o *belo*, segundo o Evangelho.

maike@cgfma.org

Alma e Direito



O preço da vida

Rosária Elefante

Matar para viver, mas também para ganhar. De uma parte os compradores, impossível defini-los pessoas-indivíduos doentes, muitas vezes doenças crônicas, em angustiada espera de um transplante. Estão convencidos de que sua vida vale mais do que as outras, e chegam ao ponto de encomendar um

assassinato para viver mais tempo. De outra parte o doador. Crianças, jovens, homens de toda idade, cheios de vida e em perfeita saúde, muitas vezes com o sinal indelével de terem crescido na mais negra pobreza.

No centro, entre as duas partes desesperadas está a infernal congregação de cirurgiões, sem piedade nem princípios e fundamentos de moral profissional, estão os sinistros personagens políticos, prontos a fornecer as oportunas coberturas burocráticas.

As organizações internacionais de tráfico de órgãos proliferam sempre mais, alimentando o mercado ilegal que garante órgãos a quem deles precisa e dinheiro não somente a quem sofreu a extração.

Nenhuma Nação está excluída! E graças à crise econômica não existe mais nem sequer o que se poderia definir como a “lista de preço dos órgãos”. O crescimento do mercado negro dos órgãos é surpreendente.

Não precisa ser um hacker para cruzar com particulares e codificados sites na internet, onde pessoas desesperadas colocam à venda partes do seu corpo, preparando assim um macabro comércio baseado no desespero recíproco de quem compra e de quem vende.

Cem mil, sessenta mil, cinquenta mil euros, são estes os valores com que se pode comprar qualquer parte do corpo humano.

O órgão mais caro é o pulmão, cujo preço pode superar 350.000 euros. Os rins, em vez, são os órgãos cuja oferta é a maior (77% dos órgãos).

Mas nem sempre quem sofre a extração tem vontade de fazê-lo, mesmo se em situação desesperadora.

Existe uma inegável ligação entre este mercado negro aterrorizante e as pessoas desaparecidas, especialmente as crianças.

Falar sobre isto constitui sempre mais um tabu, mas desviar-se de fazê-lo ou ignorar o fato, infelizmente, não significa salvar estes inocentes. De modo nenhum. Além dos milhares de denúncias no mundo, de crianças literalmente desaparecidas no ar, existe uma categoria que poderia ser definida como a dos “menores invisíveis”.



Invisíveis porque a sua existência não é nem sequer declarada no ato do nascimento. As motivações são

muitas e não somente relegadas ao tráfico de órgãos, mas também às adoções, onde de fato as crianças são compradas pela discutível alegria de se sentirem pais... Outras vezes, em vez, centenas de milhares de crianças são capturadas e colocadas no circuito da prostituição de menores, graças também a complacentes agências de viagens prontas a oferecer pacotes turísticos com “tudo incluído”.

Nos últimos anos multiplicaram-se os misteriosos desaparecimentos de jovens e as terríveis descobertas de cadáveres sem rins, fígado, pâncreas, coração, olhos, órgãos sexuais.

É inútil fazer aqui a lista dos países onde ocorreram tais descobertas e onde as autoridades locais, na melhor das hipóteses, abriram uma investigação.

Basta interrogar o informadíssimo mundo da web para se ter uma vaga ideia de tudo o que acontece e deslizar literalmente em um estado de choque, raiva e vergonha.

Sim, vergonha. Será possível que ninguém pode fazer alguma coisa? Passado o embaraço e a inquietação do momento, permanece silencioso o grito aterrorizante desses indefesos e inocentes mártires dos nossos dias.

O que fazer, então? Decididamente, não desviar o olhar para o outro lado. É um dever e uma obrigação internacionalmente reconhecida ocupar-se das crianças e das pessoas frágeis. Um primeiro passo é informar a opinião pública tentando tocar as consciências de todos, também dos políticos, para que intervenham a fim de que cesse o horror. Declarar que o tráfico de órgãos, querido ou sofrido, qualquer que seja a idade daquele que foi submetido à extração, é inadmissível, inconcebível, irracional. Uma vida não pode e não deve valer mais do que a outra!

O horror que acontece é sinal da macabra metamorfose das relações sociais e culturais entre si e o outro: de um lado o corpo entendido no sentido “científico”, lugar semântico da vida biológica; depauperado e castrado de qualquer valor ético, filho de uma estéril e corrupta filosofia capitalista conjugada à dimensão médica que considera o corpo simplesmente fonte de “pedaços desmontáveis” com os quais estender as nossas vidas; do outro lado um corpo na sua integridade, no qual cada elemento é “precioso e único pedaço de vida”, insubstituível e inalienável. Então, para baixo os véus. Cada um tem o seu papel e o seu dever nesta missão; o silêncio é sinal de cumplicidade.

rosaria.elefante@virgilio.it



Conversão ecológica

Julia Arciniegas

Nos números precedentes da nossa rubrica “Cultura ecológica”, colocamos a terra como “a nossa casa comum”, a *casa da vida*, confiada aos nossos cuidados, mas por ora muito empobrecida pelas próprias ganâncias e as dos outros.

A terra foi devastada ao ponto de se tornar hoje “um planeta com recursos limitados”. A interdependência e a reciprocidade entre a ecologia humana e a ecologia ambiental deixam em aberto a questão sobre a nossa responsabilidade de assegurar um futuro sustentável às novas gerações.

Um sinal dos tempos

Os fatos demonstram que a crise da natureza, da qual o homem é responsável, é bem maior do que uma simples crise ambiental: é um sinal dos tempos, um apelo que requer uma resposta.

Sobretudo, ela é uma crise de orientação e de identidade que aprofunda suas raízes na atitude interior do homem no que diz respeito à Criação e ao Criador.

O *Dicionário teológico de Espiritualidade da Criação* (M. Rosemberg, EDB 2006) afirma que diante deste fato não é difícil diagnosticar: o homem, *governador da casa*, precisa converter-se.

O grego *metanoien/metanoia* contém a ideia de uma renovação da mente e do coração, uma emenda feita com todo o ser. A conversão é um ato consciente por parte do sujeito que se lamenta do seu modo de agir, ou que desperta da sua inércia e inconsciência e muda, agindo diversamente em ordem aos valores sobre os quais se empenha para imprimir um novo estilo de vida.

E é por isso que, para ir além, não bastam determinadas iniciativas ecológicas. O processo de conversão, absolutamente necessário, deve ir muito mais a fundo. Deve envolver toda a pessoa, antes toda a humanidade.

“É um bem de todos!”

A conversão ecológica implica o reconhecimento da criação como um dom e a consciência de que este dom é um bem comum a ser partilhado com todos os habitantes do planeta, segundo a justiça e a caridade. O mundo, de fato, oferece-se ao nosso olhar como *sinal de Deus, lugar em que se desenrola a sua potência criadora, providente e redentora* (cf DSI, 487), que não exclui ninguém, mas que faz surgir o seu sol sobre todos (cf Mt 5, 45).

São significativas neste sentido duas pequenas histórias relatadas na apresentação de um recente Convênio dos religiosos Xaverianos, sobre “Educar ao bem comum”. O primeiro relato fala de uma criança que caminha por uma trilha na montanha e, admirando a beleza do bosque, pergunta ao seu pai: « Mas, de quem é este vale? ». E o pai num átimo de perplexidade, responde: « Bem, não é de ninguém, em particular, isto é... é de todos! ».

A segunda história, também esta verdadeira, fala de um parque, o parque da cachoeira de Molina (Verona), rica de resíduos arqueológicos. Na entrada há um cartaz que diz: « Propriedade da comunidade ». O fato é o seguinte: a comunidade decidiu cuidar de um bem que pertence a todos. Entre os integrantes as anedotas rolam em torno do conceito de posse, mas em certo sentido o superam. De fato, as coisas não são apenas para serem possuídas. Educar ao bem comum significa também educar a uma boa relação com as coisas, com a natureza, com a realidade que nos circunda, para que todos possam usufruir delas de modo adequado (cf “*Cem Mondialità*” 10.12.2013, 3-4).

O bem comum juntamente com a subsidiariedade e a solidariedade, é um dos princípios permanentes da *Doutrina Social da Igreja*. Preserva a dignidade, a unidade e a igualdade de todas as pessoas, que constituem o fundamento ao qual todo aspecto da vida social deve referir-se para encontrar plenitude de sentido (cf nn. 160-170).

A conversão ecológica finca suas raízes na *destinação universal dos bens*, uma das implicações mais fecundas do princípio do bem comum.

A fé cristã afirma que Deus deu a terra a todo o gênero humano, para que ela sustente todos os seus membros, sem excluir nem privilegiar nenhum. A atuação concreta deste princípio requer, porém intervenções regulamentadas, frutos de acordos nacionais e internacionais, e uma ordenação jurídica que determine e especifique o uso dos bens (cf ivi nn. 171-184).

Justiça e Paz para a Criação

Embora não seja possível mudar o mundo apenas com as escolhas individuais, é possível atribuir a estas um peso não indiferente. Se todos nos empenharmos em uma verdadeira conversão ecológica, a partir de uma perspectiva antropológica e educativa, as nossas atitudes influirão sobre a sustentabilidade dos recursos do planeta, em favor de todos os povos. A paz justa para a criação depende, de fato, de cada um de nós.

A educação é a primeira estratégia ambiental, afirmava o Card. Rodríguez Maradiaga por ocasião da abertura do Seminário sobre o tema: « *Humanidade sustentável. Natureza sustentável. A nossa responsabilidade* », realizado em Roma nos primeiros dias de maio de 2014, promovido pela “Pontifícia Academia das Ciências Sociais”.

Uma ecologia humana saudável em termos de virtudes éticas contribui para a realização da sustentabilidade natural e de um ambiente equilibrado. Sobre estes temas todas as religiões e todos os indivíduos de boa vontade podem entrar em acordo. A nossa mensagem é também de esperança e de alegria. Um mundo mais saudável, mais seguro, mais justo, mais próspero e mais sustentável está ao nosso alcance.

cf: <http://www.pass.va/content/scienze-sociali/it/events/2014-18/sustainable/statement.html>.

j.arciniegas@cgfma.org

CONTRA

LUZ

Tornar-se testemunhas de conversão ecológica

Respeito: assombro

Cada criatura possui um valor intrínseco

Discrição: descentralização

Equilíbrio entre aproximação e distância das coisas

Responsabilidade: atenção e disponibilidade

Serviço à vida

Prudência: Moderação

Sobriedade solidária e consciência crítica

Ternura: cuidar da Criação

Escuta e relação de convivência

Fio de Ariadne



A Relação

Giuseppina Teruggi

**“Ser humanos é ser em relação.
A estrutura do nosso ‘eu’ emerge a partir das
complexas interações humanas,
em particular nos primeiros
anos de vida, e da socialização, mas continua
por toda a nossa vida.
As relações nos distinguem, uns dos outros”.**

Karl Rogers

Na vida de cada dia

A cotidianidade, sabe-se, é lugar de encontros, de desencontros, de alegrias, de derrotas. Mas também espaço e entrelaçamento de relações que dão significado à vida.

Anna e Teresa começaram no mesmo período, o seu caminho na vida salesiana. Nos primeiros anos de formação até a Profissão, foram vistas muito entusiasmadas, felizes e unidas pelo ideal do carisma.

Tempo de empenho, de sonhos, de amizades, de experiências comunitárias intensas. Suas respectivas famílias haviam estreitado sólidos liames, sobretudo as mães, que frequentemente se encontravam e

confrontavam pontos de vista, ideias, incertezas. Depois de vários anos, Ir. Anna e Ir. Teresa voltam a viver na mesma casa. Uma decisão acolhida com alegria pela possibilidade de dar continuidade àquele percurso de amizade iniciado tantos anos antes. Todavia, a vida comunitária e as exigências próprias da tarefa confiada a cada uma evidenciam pouco a pouco as diferenças entre as duas, e a dificuldade de se acolherem.

E a relação se torna difícil chegando ao limite de uma relação conflitante.

Na comunidade “Maria Auxiliadora”, as 14 Irmãs animam diversas obras: desde o Centro Juvenil, até a Escola e o serviço paroquial de Catequese. O ambiente comunitário é bom, mas às vezes há aborrecimentos pelas divergências sobre o estilo comunitário de vida, que algumas gostariam fosse mais acomodaticio, outras, mais rigoroso, e não menos pela disparidade das idades e dos temperamentos: algumas Irmãs são pacatas, outras suscetíveis, outras ainda com reações prontas e imediatas. A Animadora tenta repetidas vezes abrir uma discussão em conjunto para esclarecer e permitir a cada uma expressar o próprio ponto de vista: são poucas, porém, as que falam.

A situação poderia nivelar-se ou degenerar. Mas, de uns tempos para cá, algumas Irmãs de idades diferentes, sem muitas palavras, parecem agregar-se com uma série de gestos que contagiam todo o ambiente: organizam recreios animados; a liturgia é muito bem preparada; programam algumas saídas comunitárias; decidem tornar alguns horários mais flexíveis. Sobretudo, entre elas desaparecem as lamentações, as acusações, a postura grave e carrancuda.

Toda a comunidade está envolvida.

Ir. Rita e Ir. Giulia trabalham na escola. Inseridas em um grande complexo escolar, apaixonam-se pela vida dos jovens e dedicam a eles suas melhores energias procurando encarnar a espiritualidade salesiana, também no bairro em que vivem. Há disparidades sociais bem marcantes nas famílias e nem sempre as propostas da escola são sustentadas por todos. Os critérios do projeto não são assumidos por toda a comunidade educativa e as duas Irmãs se alinham ou de um lado ou do outro. Nasce desentendimentos, discussões. Elas se entendem com muito esforço e se arriscam a proceder paralelamente.

A relação mais profunda

Falar de relações cotidianas é imergir-se naquele grande laboratório de vida no qual cada qual se movimenta diariamente. Com frequência pensamos a *relação* referindo-nos aos relacionamentos interpessoais. Nem sempre nós nos lembramos de que existe uma outra relação que é fundamental em nossa vida: a relação conosco mesmos. “*Veem-me em mente*

pensamentos com os quais não estou de acordo”, afirmava Woody Allen, sublinhando exatamente este tipo de relação. Isto é, aquela relação que cada um estabelece com o próprio mundo interior feito de sentimentos, ideias, emoções, medos, fantasias, lembranças, desejos.

Um mundo rico, complexo, talvez pouco claro, ao qual não estamos habituados a dar atenção. Mas ele condiciona fortemente o nosso comportamento porque é o resultado das nossas experiências da infância, sobretudo, o modo como as vivemos, o significado que tiveram para nós, os medos experimentados, e o modo como nos defendemos de tudo isso. Um mundo que não nos é completamente desconhecido e incompreensível, porque há “indícios” de que o podemos revelar, assim como os nossos sonhos noturnos, os nossos lapsos.

Cada adulto carrega dentro de si a criança, o menino, o adolescente que foi.

Na vivência cotidiana existe este *bastidor interior* que tende a condicionar o nosso agir sem que nós o queiramos.

Um bom caminho a ser feito é conhecer-se de modo realista, sem defesas, e decifrar as nossas dinâmicas por aquilo que são. Mesmo que isso nem sempre seja agradável e, às vezes, precise de uma ajuda externa.

A normalidade, vista como ausência de problemas, é um mito. No percurso evolutivo, em cada pessoa está presente alguma ferida, algum medo, alguma defesa. O nosso estilo afirmativo ou defensivo, o nosso estilo relacional com o qual observamos e vivemos no mundo, nasce das relações primárias, das experiências vividas, do modo como procuramos corrigi-las e adaptar-nos. Ser conscientes desse estilo pessoal e único, que tende a repetir-se e a condicionar todas as relações da nossa vida, é importante, sobretudo quando tais relações nos tornam insatisfeitos ou tristes.

Por uma comunicação boa

O tema da relação recebe muita atenção por parte dos estudiosos das ciências humanas. Uma interessante teoria, elaborada pelo filósofo Emmanuel Lévinas, por exemplo, parte da consideração do outro a partir do seu *rostro*, da experiência que cada ser humano faz do rosto do outro. « No simples encontro de um homem com outro entra em jogo o essencial, o absoluto: na manifestação, na *epifania* do rosto do outro descubro que o mundo é meu na medida em que posso compartilhar com o outro. E o absoluto entra em jogo na proximidade, ao alcance do meu olhar, ao alcance de um gesto de cumplicidade ou de agressividade, de acolhida ou de rejeição ».

Contribuições significativas à psicologia da relação foram oferecidas por Karl Rogers, que tentou definir – e atuou de modo eficaz – as regras de uma “terapia” centralizada na pessoa e na relação. São diretrizes que

vão além das situações terapêuticas e tocam o percurso de cada vida.

Um caminho fecundo para cada pessoa.

No relacionamento interpessoal, a *aceitação positiva e incondicional* do outro é um critério fundamental pelo qual a pessoa é acolhida assim com é: não se faz distinção entre experiências dignas de consideração positiva e experiências menos válidas. A pessoa é acolhida com uma atitude de valorização tanto naquilo do que tem mais medo ou vergonha, como naquilo do que se orgulha ou a faz sentir-se bem.

O estilo de acolhida incondicional permite aumentar ou restaurar a autoestima, fundamento da confiança em si e nos outros, e a consciência confortante de estar sempre diante de um "valor".

Uma atitude que acompanha e potencia a aceitação incondicional é a atitude *empática*, própria de quem sabe se colocar na pele do outro, embora mantendo a distinção entre si mesmo e o outro.

Empatia é, de fato, capacidade de colocar-se na situação da outra pessoa, procurando compreender suas emoções e estados de ânimo, compreender como a pessoa vê e vive uma situação e o mundo que a rodeia.

A relação se revigora graças à capacidade da *escuta ativa*, que é uma competência comunicativa fundamental, pré-requisito para todas as outras. A escuta ativa consiste em saber escutar com um elevado grau de atenção e de participação comunicativa, exprimindo ressonâncias significativas. Difere da escuta passiva, entendida como simples recepção de informações.

A *congruência* - plena consciência das próprias reações, emoções e sentimentos - é, no pensamento de Rogers, o elemento indispensável para uma boa relação. Ser congruente significa estar de acordo consigo mesmo, saber expressar as próprias necessidades, os próprios desejos e fazer com que tudo aquilo que dizem nossas palavras seja expressão do nosso pensamento e das nossas emoções. Uma

pessoa congruente é como um vaso transparente, sem filtros no seu interior. A congruência cria um estilo de relação que tem as características da autoconsciência, da sinceridade consigo mesmo e com os outros, da clareza.

E os conflitos?

Em um encontro com os fiéis na Praça de São Pedro para a oração do *Regina coeli* no último mês de maio, o Papa Francisco fez notar que «os conflitos existem na vida: o problema é como eles são enfrentados».

Referindo-se à primeira comunidade cristã que, recentemente, havia sido aberta ao âmbito cultural grego, e que experimentava as primeiras dificuldades de relacionamento, o Papa revelou que «então, diante do conflito, os apóstolos tomam nas mãos a situação: convocam uma reunião ampliada, incluindo também aos discípulos e, todos juntos, discutem a questão. Os problemas, de fato, não se resolvem fazendo de conta que não existem! É bonito este confronto sincero entre os pastores e os outros fiéis ».

Decide-se uma subdivisão de tarefas e a proposta é acolhida por todos. «E assim, a partir daquele descontentamento, daquelas lamentações, daquelas vozes de favoritismo e disparidades de tratamento, chega-se a uma solução. É *confrontando-nos, discutindo e rezando que se resolvem* os conflitos na Igreja.

Confrontando-nos, discutindo e rezando.

Com a certeza de que as fofocas, as invejas e os ciúmes nunca poderão levar-nos à concórdia, à harmonia ou à paz. Foi o Espírito Santo que, também ali, coroou aquele acordo e isto nos faz entender que quando nós nos deixamos conduzir pelo Espírito Santo, Ele nos leva à harmonia, à unidade e ao respeito dos diferentes dons e talentos.

Compreenderam bem? Nada de fofocas, nada de invejas, nada de ciúmes! Entenderam?».

gteruggi@cgfma.org

hino à vida



QUEM CRIOU ESTA BELEZA MUTÁVEL A NÃO SER A BELEZA IMUTÁVEL?

AGOSTINHO DE HIPONA



hino à vida



**DEPOIS DE TUDO,
A VERDADEIRA BELEZA
PERMANECE NA PUREZA
DO CORAÇÃO.**

GANDHI

dma em busca

*Leitura evangélica
dos fatos contemporâneos*





Felizes no tempo e na eternidade

Mara Borsi

A espiritualidade salesiana é caracterizada pela alegria e pelo otimismo e conduz à experiência da vida como festa e à experiência da fé como felicidade. A Família Salesiana continua a dizer aos jovens: *Aqui fazemos consistir a santidade na alegria.*

A consciência de que o Senhor está conosco nos enche de alegria: não estamos sós.

“Deus é o Deus da alegria”, pensava São Francisco de Sales. Melhor ainda, em “Deus tudo é alegria, pois tudo é dom”. Dom Bosco, como lúcido educador cristão, faz da alegria um elemento constitutivo do seu modo de educar e não o separa do estudo, do trabalho e da oração.

A alegria é, para Dom Bosco, resultado de uma valorização cristã da vida.

Da religião do amor não pode senão brotar a alegria, a felicidade, o otimismo confiante e positivo. Por isso nas casas de Dom Bosco, “a alegria coincide com a santidade”, como transparece na vida de Domingos Sávio e nas outras vidas escritas por Dom Bosco.

Um ano depois de haver encontrado uma sede estável no alpendre/casa Pinardi, na periferia de Valdocco (12 de abril de 1846), Dom Bosco publica *O jovem instruído*, onde já transparecem algumas das suas ideias e opções educativas fundamentais. Embora tivesse a aparência de “um livro de práticas de piedade apropriadas” para ajudar os jovens a cultivar a religiosidade e a virtude, Dom Bosco o apresenta como o modo de viver a vida cristã. Na sua mente *O jovem instruído* é uma proposta para mostrar a plena congruência entre a vida espiritual e a alegria, a vida de fé e a verdadeira felicidade.

Um hoje difícil

A sociedade contemporânea oferece aos jovens muitos prazeres e divertimentos, mas pouca alegria. O educador, a educadora pode acreditar ter dado um grande passo à frente na sua prática educativa quando ajuda o jovem, a jovem a compreender e, melhor ainda, a experimentar a diferença que existe entre o prazer e a alegria. Uma questão difícil, mas extremamente urgente.

Quem vive a espiritualidade salesiana é chamado a reconhecer as alegrias cotidianas junto com os jovens. Ocorre um paciente esforço de educação para aprender, ou reaprender a desfrutar com simplicidade as múltiplas alegrias humanas que Deus coloca diariamente no nosso caminho. Jovens e adultos devem juntos saborear as pequenas coisas: observar a linha azul do céu entre os tetos da cidade, ou a risca silenciosa da lua, o rosto de uma criança, ou o arco suave feito pelas rugas na fronte de um ancião, a doçura de uma flor, as mãos dadas dos jovens enamorados... E muito mais.

Entre os obstáculos à nova evangelização hoje, está exatamente a falta de alegria e de esperança. Frequentemente esta falta de alegria e de esperança é tão forte ao ponto de danificar o tecido das nossas comunidades cristãs. Há carência de lugares nos quais experimentar a verdadeira alegria o que torna muitos jovens analfabetos a respeito da felicidade.

A espiritualidade salesiana interpela especialmente os educadores a receberem e experimentarem em si mesmos a alegria do Cristo e a colocarem em jogo a vida a fim de que o Reino seja anunciado e o Evangelho implantado no coração dos jovens.

mara@cgfma.org

Felicidade

Eu experimentei a felicidade de modo intenso no meu grupo de jovens. Antes de me tornar FMA ia com alguns amigos a um vilarejo para diversas atividades de tipo social em favor das crianças e dos jovens pobres. A gratuidade do dom, que nem sempre é fácil, faz crescer. Depois que me tornei FMA esta alegria se multiplicou.

Continuei a ser educadora, mas conheci um método e um novo estilo educativo: o Sistema Preventivo. Sintetizando a minha experiência, posso afirmar que ser cristão quer dizer ser feliz... É claro que, não sozinho. A felicidade pede para ser compartilhada.

Anita Dushing, Mumbai, Índia

A vida religiosa que estou vivendo é para mim felicidade e alegria. Viver, ficar juntas no nome do Senhor, é alegria.

Experimentei a felicidade quando em comunidade soubemos ir além dos nossos limites para construir a comunhão, quando vivemos juntas as exigências do Sistema Preventivo na missão educativa cotidiana. Foi isto que me causou alegria e felicidade.

Anita Wilson, Chennai, Índia

Nestes anos de vida parece-me ter entendido que a felicidade é sempre uma escolha, que não pode depender das circunstâncias, das coisas, das pessoas. Em nós a felicidade é algo daquilo que somos. Quando no trabalho educativo pude constatar a capacidade de meninos e meninas de diversas religiões trabalharem juntos pela justiça

e pela paz senti muita felicidade. Senti grandíssima alegria ao ver os estudantes do meu curso crescerem do ponto de vista cultural, humano, espiritual.

Quando percebi que a minha presença tornara-se um canal de evangelização experimentei a alegria interior. Gozei pela minha vida, quando sacrifiquei o meu tempo e usei os meus talentos em favor dos pobres, dos jovens e quando me coloquei inteira no campo de missão que me havia sido confiado.

Karackatt Chackmariam Shiny, Bangalore, Índia

Sou feliz. A vida religiosa confere alegria mesmo se o fato de ficar com os jovens requeira sacrifício e paciência

Quando lecionei na escola de um vilarejo aconteceu-me este fato: Um jovem não católico continuamente perturbava a minha aula. Esperei um tempo, pensando que talvez mudasse... Mas, nada. Certo dia chamei-o em particular e com muito respeito, paciência e liberdade disse-lhe para não perturbar a aula, apresentando-lhe simples motivações.

No dia seguinte demonstrou-se muito atento. No final da aula disse-lhe simplesmente: "obrigada". E também ele, para minha surpresa, agradeceu-me muitíssimo por eu não ter chamado a sua atenção diante dos outros, agradeceu-me pela paciência e pelas palavras de incentivo. Posso dizer que naquele momento a felicidade foi realmente grande. Os jovens têm necessidade de serem escutados com paciência e acompanhados com amor. Façamos isto e a alegria é assegurada.

Aprilda Pasi, Shillong, Índia

Pastoralmente



Os Jovens e a liturgia

Entrevista com Ir. Elena Massimi

Gabriela Imperatore, Anna Mariani

Os jovens apreciam uma fé anunciada sem embalagens, sem intermináveis preâmbulos e “truques” de pré-evangelização. São abertos a quem testemunha sua fé cristã na liberdade, sem procurar convencê-los fazendo pressão sobre a sua liberdade.

A liturgia é o «lugar educativo e revelador» no qual a fé toma forma e é transmitida (*Orientações pastorais* 2010-2020 da Igreja italiana). É a experiência fundamental que avalia o cotidiano e os momentos importantes da vida (Linhas Orientadoras da Missão Educativa), é o «paradigma» de toda autêntica comunicação com Deus, com os irmãos e com as realidades criadas.

Na relação entre educação, liturgia e *mundo juvenil* pergunta-se de que modo e em que medida esta função eclesial é capaz de “interceptar” as exigências dos jovens de hoje e de oferecer respostas/propostas adequadas, e em que condições ela pode realizar a sua tarefa de educar integralmente a pessoa. Entrevistamos Ir. Elena Massini, fma, docente de Sagrada Liturgia na Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação *Auxilium*.

Qual é a relação entre jovens e liturgia? Qual é o sentido do rito e que rituais experimentam os jovens?

A relação entre o rito e os jovens é bastante complexa. Se de uma parte parece que a sociedade contemporânea está “perdendo o sentido do rito”, da outra é evidente que os jovens não estão privados de ritos.

Eles apenas deslocaram os “lugares” nos quais é reconhecido o ritual, que passou do âmbito religioso ao secular. É evidente que a sua relação com a liturgia é mais difícil; aqueles que se declaram crentes preferem a oração pessoal à litúrgica.

Os jovens rezam? Pode-se falar hoje de “analfabetismo litúrgico”?

A participação “pouco ativa” dos jovens na liturgia nasce seguramente do pouco conhecimento que têm do significado dos gestos e dos sinais litúrgicos, do fato de não saberem o que se celebra e, sobretudo, pela perda da “capacidade simbólica” do rito que leva a não entender a linguagem litúrgica.

Passa-se de celebrações burocráticas e impessoais a celebrações dominadas por uma subjetividade emotiva que não se debruça sobre o mistério. Todavia, a sede de infinito não diminuiu nas novas gerações, a fé não se extinguiu, mas somente procura novos modos de expressão.

Como ajudar os jovens a acolherem o significado dos sinais e dos gestos?

Romano Guardini fala da necessidade da “educação e do exercício para aprender a cultivar”. E isto não se pode realizar por meio de um conhecimento apenas intelectual, mas por meio da própria ação litúrgica. Os jovens, e não só eles, devem ter uma “iniciação” à liturgia, devem aprender a agir ritualmente. “Quando se aprende a tocar um instrumento musical, o saber como se toca é importante, mas não suficiente. Aprende-se a tocar praticando, tocando, e isto requer tempo e exercitação constante”. Assim acontece com a liturgia que é o conjunto de diversas linguagens, verbais e não verbais (músicas, gestos, ícones...).

Como educadoras devemos empenhar as nossas energias em uma sólida formação litúrgica, somente assim podemos ajudar a redescobrir a verdadeira beleza da liturgia, que é, por excelência, o lugar do encontro profundo com Deus.

A instância de participação, de relacionamento até que ponto entra na liturgia?

Não existe liturgia sem participação comunitária. A liturgia é um agir em nível simbólico-ritual e na *Sacrosanctum Concilium* fica evidente que as celebrações litúrgicas não são ações privadas, mas ações da Igreja. Quando se toma parte em uma celebração litúrgica não se pode isolar; pois somos convocados a louvar a Deus comunitariamente. A liturgia é a oração da Igreja, e a palavra *ekklesia* significa *assembleia convocada por Deus*. Em uma celebração litúrgica há momentos de oração pessoal, que, porém, são vividos “em conjunto” por aqueles que participam do rito.

Como tornar concreta a dimensão educativa da liturgia?

A liturgia representa um “recurso educativo” precioso. Ela ajuda a redescobrir a vida como dom gratuito a ser acolhido e devolvido. Educa a abrir espaço ao outro, a ir ao seu encontro (por exemplo, com o gesto de paz), a rezar com o mesmo ritmo de quem está ao lado, a agir junto com toda a assembleia, a assumir os sofrimentos daqueles que passam por necessidades. No atual labirinto da complexidade social e da virtualidade relacional a liturgia contribui para a construção de personalidades harmoniosas, ajuda os jovens a redescobrirem a beleza da relação com os outros e os educa para isso, ajuda-os a saírem do individualismo, habitando o mundo e dando significado ao cotidiano. A liturgia educa à escuta profunda, à gratuidade, à hospitalidade, à partilha, por isso propõe experiências geradoras de sentido, e alternativas à cultura dominante.

Cabe à Pastoral Juvenil a tarefa de educar os jovens à liturgia e assim favorecer o encontro pessoal dos jovens e das crianças com o mistério de Deus, mediante a participação a liturgias solenes. Participação ativa significa propriamente ingressar no rito, na ação de graças, no silêncio, na escuta, na oração e em tudo aquilo que realmente dá consistência à liturgia.

A educação à fé é um lugar no qual se verifica o encontro com o Cristo vivo na Igreja, hoje e sempre.

comunicazione@fmairo.net;
gimperatore@cgfma.



Um pátio na cidade. Projeto Pátio 13

Anna Rita Cristaino

A viagem a Medellín coloca-nos diante de uma cidade acolhedora, de origem antiga que hoje se tornou uma grande metrópole e que, como todas as grandes cidades, vive o cruzamento de problemáticas complexas e o desejo de resgate rumo a um futuro de justiça e equidade social. A cidade cresceu rápido e ainda com diversas questões sociais e políticas, hoje enfrenta diversos problemas: a falta de trabalho, a precariedade, a violência, a droga, questões estas que fizeram aumentar o número das crianças que vivem nas ruas.

Para enfrentar esta emergência, em 2001 as Filhas de Maria Auxiliadora da Escola Normal Superior de Copacabana, começaram o projeto *Pátio 13*, em colaboração com o Departamento de Pedagogia da Universidade de Heidelberg, para oferecer também às crianças que vivem nas ruas, uma formação escolar adequada. A intervenção educativa se desenvolve a partir da ideia-força de que a ausência da educação seria ulteriormente um elemento de marginalização e violação dos direitos dessas crianças e jovens, e que o ensino a eles ministrado não deveria seguir os esquemas tradicionais. Daí nasce um projeto formativo pelo qual os próprios professores, baseando-se na experiência educativa que vivem com os jovens, fazem a releitura da própria história e aprendem um saber pedagógico específico.

É o que, com convicção, sustenta Ir. Sara Sierra, idealizadora do projeto: « O projeto *Pátio 13*, não é uma instituição e muito menos um lugar no qual se realiza uma proposta educativa. *Pátio 13* é uma concepção formativa que procura acompanhar o professor – que se prepara para esta profissão – para um trabalho com uma população vulnerável e com as crianças em situação de risco a fim de que voltem a frequentar a escola regular, exercendo o seu direito à educação ».

As ruas de Medellín são ricas de cores, de música e de gente. Elas cortam a cidade atravessando-a de ponta a ponta. O teleférico que sobrevoa a cidade, parece que ali está para pôr um remendo no rasgo de uma cidade dividida entre quem tem e quem não tem. Entre quem tem uma vida digna, com calor humano,

trabalho, um lugar para morar, divertimentos, cultura, e quem nada tem a não ser o dom de viver. E no meio das pessoas atingidas infelizmente estão as crianças.

Katherine Noreña, uma das animadoras do projeto, nos relata: « Quando alguém começa a trabalhar com os adolescentes de rua ou em situação de risco, começa a apreciar o que se passa com eles. Você se pergunta o que fazer para começar a trabalhar com eles, mas eles mesmos começam a apreciar a sua presença, começam a sentir que há alguém que os ajuda e que há pessoas que se importam com eles. Eu recebi instruções e me foi ensinado como fazer, mas para este tipo de adolescentes é necessária uma formação diferenciada. Para mim foi importante compreender quais eram os seus medos e, também, quais eram os meus medos diante deles. Felizmente, pouco a pouco fomos experimentando modos eficazes de aproximação ».

As animadoras e os professores do projeto *Pátio 13* são preparados não apenas do ponto de vista das competências escolares a serem concedidas, mas também em vista de uma formação específica que saiba abordar as crianças e jovens de rua e também os desajustados. Trabalhar com eles não significa apenas transmitir noções, mas transmitir segurança, aceitação de si e dos adultos, incentivo à aprendizagem e até mesmo o desejo de viver.

Faz parte do projeto *Pátio 13* o serviço educativo prestado pelos estudantes da Escola Normal das obras dos Salesianos, *Pátio Dom Bosco*, onde as crianças e os jovens são acolhidos para jogar, estudar e, também, ficar no colégio.

São acolhidos jovens dos 7 aos 17 anos e todos podem contar com a ajuda dos educadores especialistas e com o apoio dos alunos-voluntários nas tarefas escolares, nos jogos e no desenvolvimento das atividades diversas de lazer e formação. O mais importante é que ali cada um deles recebe aquela atenção que quase ninguém está disposto a lhes prestar. A experiência de *Pátio 13* é formativa para as alunas das escolas que aderem ao projeto, como relata Melissa Giraldo: « Quando eu estava frequentando o oitavo ano, ouvia com frequência algumas meninas

comentarem suas idas à rua para ajudarem crianças necessitadas; iam sempre a um lugar onde havia muitas crianças de rua. Pareceu-me uma coisa nova, mas no início senti um pouco de medo.

Falei com os meus pais dizendo que queria participar de um projeto e que iria a algumas ruas de Medellín para ajudar as crianças que vivem sem família. Isso os preocupou e tentaram dissuadir-me, mas eu insisti em fazer a experiência. Falei com Ir. Sara, pedi-lhe informações mais detalhadas e ela me convidou a ir com o grupo na sexta-feira seguinte. A primeira vez que fui fiquei impressionada com o cheiro da maconha e dos cigarros. Os adolescentes que encontrávamos tinham uma aparência muito desleixada.

Eles viviam ao lado de um depósito de lixo onde o cheiro era muito desagradável. Depois, começando a falar com eles, compreendi que as estudantes e os professores lá iam em busca do sentido do humano; percebi que lá eles podiam descobrir que uma pessoa, mesmo suja e encharcada, mesmo não sabendo nem ler nem escrever, é um ser humano e tem muito a nos ensinar. Depois daquela primeira vez, tomei a decisão de participar e disse: quero empenhar-me neste projeto, e quero continuar indo de oito em oito dias para falar com os adolescentes. E assim continuei ».

Quando um adolescente chega à rua começa a consumir drogas. É este o seu modo de sobreviver, de suportar a dor física e o sofrimento interior.

Geralmente eles começam a cheirar cola, o que gera um processo de deterioração bastante lento; a consumir o crack, que preparam com resíduos de cocaína, o que é devastador. O *bazuco*, como aqui é chamado, acelera a deterioração física e, entre os jovens, está espalhado o pressentimento de que quem o consome morre rapidamente.

A Escola Normal Superior das Filhas de Maria Auxiliadora de Copacabana foi fundada em 1958, nos

arredores de Medellín e hoje é considerada um modelo, em toda a Colômbia.

É a Escola Normal que prepara os voluntários e os professores para a Escola Primária do projeto *Pátio 13*. Aos alunos maiores é proposto fazer a experiência de voluntariado com crianças de rua; alguns, depois, decidem formar-se profissionalmente e tornar-se professores no Projeto. São professores especiais, porque devem estar muito atentos aos seus destinatários. A professora Glória Herrera que ensina na Escola Normal das FMA, afirma: « Quem começa a trabalhar com as crianças de rua, deve ser um mestre especial, conhecer os contextos e as diferenças sociais e ser sensível ao que experimenta. Deve ser um mestre que respeite a dignidade humana da criança qualquer que seja a sua situação social ou econômica, que ouse desestruturar o espaço didático e o ensino, e planejar formas diferentes de didática e pedagogia... »

As Irmãs e os responsáveis do Projeto deixaram-se interpelar pelo território.

Além das ruas da cidade de Medellín, há os bairros rurais em torno de Copacabana. Semanalmente as estudantes da Escola Normal alcançam as crianças nos subúrbios em que se encontram. Ali se reúnem no pátio de alguma casa, nas praças, nas calçadas, usando o asfalto como lousa e a fantasia para atrair a sua atenção.

Então brincam, têm instruções, reforço escolar se já frequentam a escola e, se ainda não a frequentam, são incentivadas a se matricular nas escolas regulares.

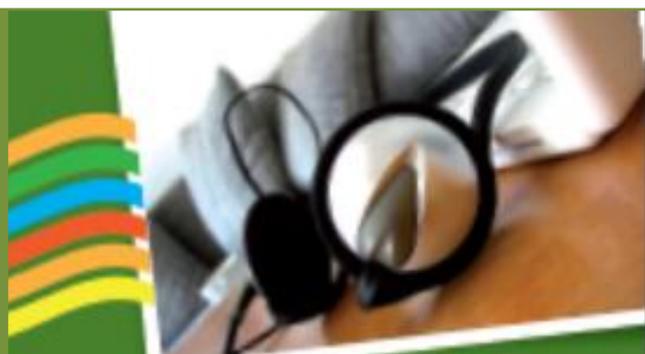
Acima de tudo, as estudantes voluntárias conferem às crianças e aos adolescentes aquela atenção, aquele afeto e respeito que frequentemente não recebem nem sequer em família.

Procura-se o modo de poder transmitir-lhes valores como a honestidade, a partilha e a responsabilidade, a fim de evitar que tomem caminhos errados que os leve ao encontro de situações perigosas.

arcristaino@cgfma.org

É possível ver de que modo é realizado o projeto Pátio 13 em um DVD produzido pela Missão Dom Bosco em colaboração com o Âmbito para a Comunicação Social, com o título *Pátio 13, Mestres de Rua*. No vídeo as crianças de rua e as jovens que participam do projeto, relatam a sua experiência e mostram de que modo com o empenho e a profissionalização pode-se chegar a grandes objetivos.

dma comunicar:
informações, notícias e novidades
do mundo da mídia



Faz-se para dizer



Trocar

Maria Antonia Chinello



É a ação que define a Rede e a evangelização.

Tela do compartilhamento de ideias, conhecimentos, gestos de reciprocidade, nós, e não obstáculos ao testemunho e ao dom.

No princípio, a rede

A troca está no início da rede. A história da Internet primeiro e do World Wide Web (www) depois, relata nas entrelinhas e nos acontecimentos a ideia de uma rede descentralizada, composta de muitos nós, cada um dos quais conectado ao seu vizinho. O conceito é que a comunicação é o processo que se realiza percorrendo não uma única linha de conexão, mas muitas e flexíveis, de modo tal que o desaparecimento de um nó não coloca fora de uso o sistema inteiro. O fluxo comunicativo pode continuar, por meio de percursos alternativos, porquanto não existe um nó central, mas todos os pontos do sistema são postos no mesmo nível. Uma rede que ao se entrelaçar tece o encontro e a partilha faz-se lugar de interação social, ambiente de trabalho colaborativo, espaço onde se “fala” e se constrói o pensamento, onde se discute, onde há participação e decisão. O objetivo é promover a livre troca das ideias e do saber para afirmar o direito à comunicação e assim cooperar na renovação da sociedade.

No princípio, a comunicação

A palavra comunicação aprofunda suas raízes na antiguidade clássica, nas expressões *communis* (“comum a muitos ou a todos”) e *Communicare* (“tornar comum, fazer tomar parte a alguém relativamente a alguma coisa”, “colocar-se de acordo com alguém”). *Communis*, por sua vez, está ligada a *múnus* que está

na base da troca. É o fundamento da “comunidade”, sendo que *communis* significa literalmente “que toma parte da *munia* ou *munera*”. Daqui, a consciência de que cada um é chamado a restituir na medida em que recebe. Uma “troca” constituída pelos “dons” aceitos e restituídos, alguma coisa bem diferente do comércio com o escopo de lucrar. O dom deve ser generoso, pois quando se dá, é preciso dar o que se tem de mais precioso. O valor da “reciprocidade”, da “participação na acolhida e no retorno” é, então, fundamental.

Se se quer redescobrir o sentido genuíno do termo *comunicar* é preciso voltar à osmose bidirecional: comunica somente quem recebe e participa, quem é capaz de trocar o dom acolhido com sentimento de sagrada gratidão.

O Papa Francisco escreve que « O bem tende sempre a comunicar-se. Cada experiência autêntica de verdade e de beleza procura por si mesma a sua expansão [...]. O bem comunicado enraíza-se e se desenvolve » (EG 10). A vida cresce e amadurece na medida em que a doamos pela vida dos outros; é esta a missão.

Cada ação evangelizadora autêntica é “nova”, porque voltando à fonte e recuperando o frescor original do Evangelho «despontam novos caminhos, métodos criativos, outras formas de expressão, sinais mais eloquentes, palavras carregadas de renovado significado para o mundo atual» (EG 11).

No princípio, a rua

A ideia da *social street* nasceu em Bolonha, de um grupo de cidadãos residentes na Rua Fondazza, em setembro de 2013. O objetivo era socializar-se com os vizinhos das residências da própria rua para criar vínculos, compartilhar necessidades, trocar serviços profissionais, conhecimentos, levar adiante projetos

coletivos de interesse comum e, portanto, obter todos os benefícios derivados de uma maior interação social. Para se chegar a isto utilizou-se o grupo fechado do Facebook. A “vitrine” é uma praça virtual onde se pedem favores, oferecem-se serviços, organizam-se encontros, eventos, mostras fotográficas e atividades beneficentes.

Você sabe, mas ao vivo, na realidade.

Quem adere à *social street* assim o faz por exigência pessoal, para conhecer as pessoas do próprio

quarteirão. As *social street* na Itália já são mais de 200, envolvem cerca de 3500 pessoas, e dão a impressão de ser uma inteligente resposta à crise, modelo de colaboração diária entre os habitantes da mesma rua. Uma modalidade simples que muda a perspectiva de vida e cria novos vínculos sociais. Porque, em um mundo sempre mais conectado, as pessoas precisam ser colocadas no centro.

mac@cgfma.org

Pinterest fotogramas de troca

Pinterest é uma rede social fundada em 2010 por Evan Sharp, Ben Silbermann e Paul Sciarra dedicada à partilha de fotografias, vídeos e imagens.

Permite aos usuários criar “vitrinas” para gerir a coleta de imagens em base a temas predefinidos ou por ela gerados.

O nome deriva da união das palavras inglesas *pin* (aprender) e *interest* (interesse).

Nestes últimos meses as fotos inseridas cresceram 50% e já superam 30 bilhões.

A rede social está particularmente difundida entre as mulheres, que compõem 85% dos usuários dos Estados Unidos.

Segundo a sociedade são cerca de 100 mil os *retailers* que usam a plataforma para compartilhar as próprias imagens, enquanto colossos como Kraft, Nestlé ou Gap estão entre os primeiros grupos de empreendedores a utilizar as “pins” (fotos, imagens, vídeos) com o escopo promocional.

No ano passado, os usuários mensais nos Estados Unidos eram ao menos 35 milhões.

A partir dos USA, tomou sempre mais impulso para além do Oceano, tanto que a cota de usuários externos aos Estados Unidos alcança 30% do total e Pinterest abriu escritórios na França, no Reino Unido e no Japão.

Pinteret está integrada e é integrável com o Facebook e Twitter, Flickr e com os sites web. Basta integrar os assim chamados “pin Button” a um site ou blog e é possível “pinnare” as imagens presentes categorizando-as nos próprios quadros de interesse.

mac@cgfma.org

Mulheres no contexto



A ética no modelo feminino de liderança

Debbie Ponsaran

A mulher é intrinsecamente dotada do dom de ser em relação. Ela sente no seu ser a interconexão de toda a vida.

Ela sabe que não se podem fazer planos lineares quando há tantas variáveis, mas pode-se responder com a sabedoria que integra a totalidade e todas as suas conexões. Porque ela abraça tudo, abraça tanto a fraqueza quanto o poder. Ela reconhece a sua vulnerabilidade, chora e sente a dor.

Existe um potencial escondido na vulnerabilidade. Em toda a criação, percebemos a interação dos opostos: vulnerabilidade e poder, luz e sombra, doença

e saúde. Esta interação dos opostos cria uma reciprocidade que é intuitivamente compreendida pela mulher. A reciprocidade dos opostos encontra nela um terreno sagrado.

Reciprocidade: recurso inato nas mulheres

Hoje a realidade complexa faz nascer a necessidade de um novo modelo de liderança, aquela liderança que substitui o “comando-e-controle” com “a máxima participação e inclusão”. Este estilo de liderança está trazendo sempre mais à luz o valor de uma

aproximação feminina. Está valorizando sempre mais a ética da reciprocidade. Qualquer pessoa pode fazê-lo, mas as mulheres líderes podem fazê-lo de modo mais natural.

No passado e até hoje, exigências e circunstâncias particulares levam as mulheres a conformar-se com um estilo masculino de liderança. A maior parte das mulheres escolhe adequar-se para serem aceitas. É realmente difícil ser elas mesmas, com as próprias características femininas. Mas a situação mundial de hoje as impele a recuperar o próprio gênio feminino.

As mulheres têm uma compreensão intuitiva do lugar que a reciprocidade ocupa na liderança. As mulheres usam um estilo mais participativo, são mais propensas a compartilhar informações e poderes, a reduzir as hierarquias, e têm forte capacidade relacional. Por exemplo, um líder que se comporta como um chefe que tem todas as respostas, não seria capaz de solicitar novas ideias e contribuições. Aqui entra o papel da liderança feminina que traz consigo o valor da reciprocidade e da interdependência.

Fazendo nascer a plenitude

A liderança feminina inclui e integra. « Não se trata de mulheres X homens, mas em vez disso, trata-se da falta de diversidade no campo de atuação, o que levou à escassa qualidade no processo de decisão... O equilíbrio masculino-feminino conta, porque as mulheres trazem para a mesa valores diferentes », diz Halla Tomasdottir, explicando a necessidade da presença também das mulheres na gestão da economia, no contexto de uma resposta feminina à crise financeira da Islândia. Halla Tomasdottir, cofundadora dos serviços financeiros Audur Capital, foi de grande ajuda na reconstrução da economia islandesa por ocasião do seu colapso, em 2008.

Corazon Aquino (1933-2009) filipina, primeira presidente mulher asiática, cujo estilo de liderança era a de uma democracia mais participativa, em um dos seus discursos disse: « A política não deve permanecer um baluarte de domínio masculino, porque existe muita coisa que as mulheres podem trazer à política, isso tornaria o nosso mundo um lugar mais gentil, mais delicado no qual a humanidade pode prosperar. As mulheres são candidatas naturais às posições de liderança nos afazeres, no mundo acadêmico, na sociedade civil, na política.

Nós que somos as guardiãs dos valores da família e da sociedade, não devemos deixar só aos homens a importante tarefa da liderança na esfera política. Trata-se de um trabalho que homens e mulheres podem e devem fazer juntos, complementando-se, e assim também na família ».

« Eu me chamo Rigoberta Menchú. Tenho 23 anos. Dou o meu testemunho. Não aprendi de um livro e nem aprendi sozinha. A minha experiência pessoal é a realidade de um povo inteiro ». Rigoberta, uma líder indígena da Guatemala, venceu o Prêmio Nobel da Paz em 1992 pelo seu trabalho em prol dos direitos dos povos indígenas e da reconciliação entre os grupos étnicos. Ela sustenta a unificação como o único modo de pôr fim à repressão.



Ela acredita no trabalho de uma entidade coletiva, de um ser “conexo” e na circularidade como princípio de ordem, na contribuição de cada membro da comunidade e no trabalho em conjunto para se criar um sistema de poder compartilhado. A sabedoria inata feminina de “ser em relação” a impulsiona a incluir mais do que separar, o que, por sua vez, faz nascer a plenitude.

As mulheres que nos precederam

Míriam, irmã de Moisés, ensina-nos que liderança é servir em vez de exercer um poder. Débora, a juíza, ensina-nos a conduzir as pessoas, inspirando-as. Joana, discípula de Jesus, ensina-nos a fidelidade e a dedicação ao serviço.

Priscila, à qual Paulo confiou a Igreja nascente, ensina-nos a sabedoria da colaboração. Dorcas, mulher que se distingue pela fidelidade na comunidade cristã, ensina-nos a guiar as pessoas testemunhando os valores cristãos. Maria, a mãe de Jesus e nossa mãe, ensina-nos a ser mulheres autênticas. As mulheres fiéis que nos precederam nos sugerem recuperar o nosso gênio feminino e integrá-lo com a consciência masculina, de modo que uma nova compreensão da plenitude da vida possa ser viabilizada a fim de ajudar a curar o nosso mundo de suas enfermidades.

debbieponsaran@cgfma.org



PHILOMENA

de Stephen Frears GB/USA/FR 2013

Mariolina Parentaler



Um triunfo: filme apreciadíssimo. Apresentado no concurso de Veneza de 2013, concorreu aos principais prêmios, obtendo enfim o Leão pelo melhor roteiro.

Exibiu muitos outros prêmios 'colaterais' com os mais amplos entendimentos. O primeiro entre eles, o SIGNIS dos Católicos: o mais antigo entre os reconhecimentos atribuídos ao Lido, precedentemente denominado OCIC (Ofício Católico Internacional de Cinema). Seguido por Brian, o dos ateus agnósticos e racionalistas; O Interfilme dos protestantes, pela promoção do diálogo interreligioso; o Querr Lion, dos gay e o dos Jesuítas: Prêmio Nazzareno Taddei, cujo júri vislumbra na obra «a capacidade de exaltar a força de um amor materno e filial que supera todos os obstáculos e todas as dificuldades, até mesmo a morte, exaltando os valores do amor e do perdão, que são universais».

Acrescenta-se também o Rato de Ouro, como melhor filme e o prêmio Giovani Giurati do Vittorio Veneto Festival de Filmes. «Muita graça?» pergunta/ escreve o famoso crítico Pontiggia. «Não, responde decidido: direção clássica, script de precisão, descargas fulminantes, empatia com o papel, atores sublimes e um toque de astúcia. 'Philomena' agrada. Sim, agrada a todos: problemas?». Inspira-se na apurada pesquisa do jornalista Martin Sixsmith (volume editado pela Piemme), que durante um tempo foi responsável pela comunicação no governo Blair.

Um filme que sabe comover, fazer pensar e divertir

A película leva para a tela a história verdadeira de uma mãe em busca do filho perdido na Irlanda de 1952. Ela se chama Philomena Lee (interpretada pela inesquecível Judi Dench) e guarda um segredo doloroso: é uma mulher que, quando adolescente, fica grávida e é enviada ao convento de Roscrea porque considerada uma "jovem perdida". Deu à luz e depois de três anos as Irmãs tiraram-lhe a criança para dá-la em adoção a uma família americana, mas Philomena não esquece seu filho e, 50 anos depois, graças ao interesse do jornalista Martin Sixsmith, consegue descobrir a verdade.

Sixsmith no filme é interpretado por Steve Coogan que conhecemos principalmente como ator cômico. Porém aqui, antes de tentar dar rosto ao personagem – colocou-se à prova para escrever o roteiro deste comovente relato “de

amor e de perda”, obtendo um ótimo resultado. Convenceu grande parte da crítica internacional, além da de Veneza e de toda a Itália. « Afeta não apenas pela história tão tocante, mas pela capacidade de enfrentar temas profundos e dramáticos com aquele sorriso e aquela leveza elegante que acena para o comedido humor inglês. Mesmo profundamente comovente e cuidadosamente reflexivo, não se permite deprimir Eu o vi duas vezes e me senti transformado, enriquecido, envolvido e otimista, as duas vezes que o assisti » escreveu o crítico do New York Observer, compartilhando a visão do Empire que acrescenta: «Uma formidável comédia sofisticada que enfrenta problemas sérios com um toque leve e um espírito de aço». Efetivamente é uma história tão bela ao ponto de parecer falsa. Um triunfo dos sentimentos humanos e universais projetados contra um duplo esforço histórico: a Irlanda pobre dos primeiros anos 50, um país no qual «qualquer católico com 1000 libras no bolso podia comprar uma criança». E a Inglaterra de 2003, tornada má, marcada pelo apoio de Blair à guerra do Iraque, que devasta em filigrana por trás do filme, metade do qual ambientado exatamente em Washington. Porém, mais do que pela sua referência histórica, 'Philomena' vale pela sutileza com que na colocação em cena torna vivaz nos detalhes o encontro entre os dois protagonistas, tão diferentes pela posição social e pela educação. Ele todo ironia, cultura, racionalidade: um intelectual esnobe saído de Oxford, agora jornalista político cético e desocupado. Ela ex-enfermeira 'pequena burguesa', embebida de fé e franqueza, mas também, capaz de ver mais longe do que o jornalista. Um belo jogo de contrastes: o ateu e a crente, dois protagonistas que não se compreendem durante o filme todo, mas no final aprendem um com o outro algo fundamental. Judi Dench com o seu belo e autêntico rosto de oitenta anos com mil rugas e olhos azuis, ilumina irresistivelmente a película inteira: «Uma história extraordinária no entrelaçamento dos destinos e na força invencível do amor, que tem muito a dizer sobre o perdão e sobre a cura das feridas no decurso do tempo», sintetiza Fizzetti. Enfim, antes de concluir, resta a obrigação de não deixar de mencionar o que foi evidenciado pelo reconhecimento recebido pelo filme com o Leão pelo Melhor Roteiro: « Os roteiros cinematográficos são textos técnicos, difíceis de serem lidos – sentença A Unidade. No entanto, o do novo filme de Stephen Frears seria publicado e assinalado como leitura obrigatória em todas as escolas de cinema ».

PARA REFLETIR

A ideia do filme

Transformar a história de um “caçador de furo jornalístico” com espírito cético que podia tornar-se ataque anticlerical de sucesso, em uma história que o modifica.

Os dois protagonistas nos oferecem inegavelmente momentos de confronto ideológico aos antípodas: ela católica, de profunda fé e propensa à aceitação das coisas assim como aconteceram, até o perdão (ela o dará no final com as palavras mais concretas e simples: «Não quero abandonar-me ao ódio como você. Ficar sempre com raiva é algo cansativo, não dá para perceber?»), ele leigo, inflexível com os hipócritas, encolerizado com meio mundo.

Mas «a alquimia que se cria entre os dois, juntamente com um roteiro inteligente e uma direção polida, tornam esta história da vida real muito interessante», escreve Total Filme, sublinhando que «unindo a comédia e a tragédia, o filme segrega um poderoso aguilhão».

De fato, no final ele é capaz de lhe dar as respostas que procura, mas ela dá a ele um coração. A interação entre Judi Dench e Steve Coogan é inegavelmente mágica, um sucesso. O primeiro dá ao relato aquela justa dose de ironia e de leveza do homem desprovido diante de temas como a fé, a outra torna Philomena inesquecível, mostrando como a capacidade de errar e de crer, de amar e de redimir-se, mora dentro da própria pessoa.

O sonho do filme

Fazer brilhar e comover com o tema do perdão cristão.

Considerados os desdobramentos reais da busca empreendida pelos dois, a construção da obra se desvincula do todo com o risco de se tornar um apego ao fanatismo católico. Ao invés, exalta do modo mais tocante a dignidade de quem crê e – na sequência mais significativa do filme inteiro – confia a uma palavra: “perdão” o sentido último e mais profundo de toda a viagem. « Verdade e perdão são certamente os dois elementos dentro dos quais está inclusa a parábola de Philomena – escreve a Comissão de Avaliação Pastoral dos Filmes – que, quando jovem sofreu uma violência impossível de ser esquecida, tanto que não a esquece por meio século, e que também, reconstruídos os fatos, não alimenta os instintos de vingança ou de revanchismo. Ao jornalista que se maravilha de tal e de tanta generosidade, a mulher, idosa, mas lúcida, oferece uma lição de civilização e humanidade, derivada de uma fé que não é dogma, mas inteligência, tesouro do espírito e da oração, abertura para com o outro. Justamente premiado pelo *script* insistente, fechado, fiel ao manuscrito, o filme oferece muitos outros temas nas entrelinhas, olhares não convencionais sobre a sociedade inglesa e americana, sobre a religião, sobre a família (...). Em suma, é um filme de notável impacto dramático que, do ponto de vista pastoral, é para ser avaliado como aconselhável, problemático e adequado a debates ».

O livro



A pirâmide do café

Nicola Lecca



O jovem Imi, ao completar dezoito anos, parte cheio de esperança e de entusiasmo de um orfanato húngaro, e encontra trabalho em Londres no Café Proper, a mais célebre cadeia de cafeterias do Reino Unido.

Colocam-lhe logo entre as mãos um manual de instrução: todas as regras a serem seguidas escrupulosamente para ser um válido assistente geral, em vista de uma carreira promissora.

O assistente geral é na realidade o grau mais baixo da organização do trabalho e corresponde a um cansativo “fazer tudo”.

O órfão, ainda efetivamente ligado ao orfanato, no qual havia sido acolhido recém-nascido e onde crescera

preservando uma intacta pureza de coração, agora estende o olhar ingênuo e confiante sobre o mundo que o espera e do qual não percebe a esquálida lógica que o domina: Uma corrida sem escrúpulos ao sucesso e ao lucro. Não esquece os companheiros que deixou, lembra que os pequenos choraram à sua partida e, com frequência, dá suas notícias e envia presentinhos àquela que foi a sua família e, também, onde conheceu a ternura das habilidosas mulheres que dele cuidavam.

Na primeira parte do relato, assistimos em paralelo com a história de Imi, a vida do orfanato, que é como o pano de fundo existencial do protagonista: nas jornadas com horários monótonos, mas onde as crianças, com a fantasia criativa da

infância, acham modo de se alegrar com tantas pequenas coisas, enquanto os maiores abandonam-se a atos compulsivos de autoagressão, como Fabian que à noite talha o próprio braço com uma lâmina escondida debaixo das cobertas. Ai dele, se os diretores viessem a saber! Mas Ada Neni (tia Ada) que logo percebeu o fato, primeiro o reprova e o ameaça, mas depois o abraça, como faria uma mãe.

Em uma espécie de breve pós-trabalho, o Autor informa:

« No verão de 2005 encontrei-me por acaso em um orfanato. Naquele lugar que parecia pobre e triste, achei escondida uma extraordinária abundância de alegria.

Desde então voltei várias vezes, porque percebi que ali estava escondido o segredo da felicidade. E queria descobri-lo ».

Prosseguindo na história, vemos que Imi, graças ao bom aspecto físico e às boas maneiras, tornou-se garçom no Café Proper, e ei-lo tentando fazer o café expresso, o *cappuccino* e também o chocolate com *chantilly*.

Faz amizade com Jordi, um rapaz espanhol que frequentemente trabalha com ele no mesmo turno, mas que não compartilha o ingênuo entusiasmo do amigo: atento e astuto compreendeu que o Café Proper é uma companhia de exploradores desonestos. Também a senhora Lynne, com a qual Imi mora, tenta explicar-lhe a mesma coisa, mas por ora as suas argumentações não fazem pressão sobre ele que, no entanto, continua a comunicar as suas impressões aos seus amigos do orfanato: « Queridas crianças, em Londres já tenho um trabalho importante, sou garçom e comecei a escalar uma grande pirâmide no cume da qual está o senhor Carruthers: um homem riquíssimo que anda de helicóptero e já se encontrou com a rainha Elizabeth.

Os clientes do bar são muito gentis: pedem tudo 'por favor' e agradecem sempre quando lhes sirvo o *cappuccino*. Os meus chefes se chamam Andrew e Victoria. São muito severos e me dão um monte de trabalho. Porém, em compensação no final do dia, se há sanduíches com prazo expirado ou panetões que não foram vendidos, podemos levá-los para casa... *Mamma mia*, quantas coisas tenho para lhes contar, mas hoje não vai dar tempo.

Uma coisa, porém, não posso absolutamente deixar de lhes contar: Jordi mora no bairro de Vauxhall, onde há duas mansões de vidro enormes... Nos andares superiores há apartamentos com piscinas particulares e lá moram todas as pessoas mais ricas da cidade. A zona onde eu moro é muito bonita, em suma tudo é uma maravilha.

A única coisa ruim aconteceu em um grande armazém. Estávamos juntos eu e o Jordi, e ele para pagar menos, trocou o cartão de uma camisola com o de um moleton. Sorte que o caixa nada percebeu, mas eu tremia de medo, e em seguida senti-me culpado. Nunca mais voltei a Londres para roubar!».

Imi lembra que, no orfanato, tia Ada recomendava aos órfãos desejar uma coisa por vez e concentrar todas as forças na sua realização. A extraordinária mulher sabia que os desejos são a droga dos pobres e estes se arriscam a se tornarem seus dependentes, mas sabia também que o desejo é o oxigênio para quem está sem perspectivas de futuro.

Pois bem, o desejo impossível acalentado por Imi será exatamente tornar-se proprietário daquele sonho de mansão.

Entre os clientes habituais aos quais Imi serve rapidamente o *cappuccino* há um rapaz do Oriente Médio, Morgan, que trabalha em uma livraria perto do Café.

Certa manhã, em um raro momento de calma, entabula uma conversa e convida Imi a passar na livraria para a apresentação de um romance, prêmio Nobel de literatura. Morgan é um jovem que conheceu a dureza da vida, reflexivo e responsável. Na livraria não perde nem sequer um livro dos mais importantes escritores. Ele e Imi foram feitos para se entenderem, e a amizade nasce sólida, imediatamente.

Por meio de Morgan, Imi conhecerá uma famosa e riquíssima escritora que será um pouco o *deus ex machina* do evento, mas sem dar a impressão de algo forçado ou de acordo artificial. O livro terminará de fato como uma bela fábula, com final feliz.

Com os desonestos desmascarados, o órfão, licenciado por não ter querido jogar na imundície dos sanduíches com prazo expirado no dia seguinte e que os dependentes teriam levado voluntariamente para casa, conhecerá o triunfo da sua límpida retidão e se tornará rico, tão rico ao ponto de poder realizar o sonho de adquirir o suntuoso apartamento na mansão de vidro.

Corre para contemplá-lo, com as suas mil janelas acesas. Mas eis que se acende nele como se fosse uma outra luz. Londres lhe aparece como "uma gaiola triste e sem amor".

E se lembra de Landor, sua aldeia húngara, o seu orfanato e pensa que, com tanto dinheiro, poderia abrir um café de sua propriedade, e nele trabalhariam todas as crianças, e tia Ada prepararia diariamente a sua deliciosa torta de maçã. Vai para casa sem olhar para trás. No coração, já decidiu.

Música e Teatro



O empenho social na música

Mariano Diotto

A música nos envolve, nos circunda, nos fascina e se deposita dentro de nós sem grande esforço de nossa parte.

Isso porque a música consegue tocar aquelas cordas mais profundas dentro de nós e suscita sentimentos.

Quem não tem sua canção preferida?

Quem depois de diversos anos escutando uma canção significativa para a sua vida não se lembra com afeto da primeira vez em que a escutou?

Tudo isso acontece porque a música é paixão e emoção. Uma música pode nos fazer dançar, chorar, nos divertir ou fazer refletir. A música foi sempre um instrumento de denúncia social e muitas vezes as canções se transformaram em um hino para inteiras gerações.

A partir dos campos de algodão...

Antes mesmo do *blues* e da música *gospel*, a música de origem africana nascia para acompanhar o trabalho dos agricultores como pessoas livres na própria terra. Com a deportação para o Novo Continente, estas canções tornaram-se um canto de lamentação: as chamadas **canções de trabalho**. Para os escravos, elas se tornaram a nova linguagem para expressar seus sentimentos, suas situações desconfortáveis e sua falta de liberdade. São elas as primeiras canções com empenho social que reivindicam aqueles valores que todos deveriam entender e viver: a paz, o amor, a liberdade.

... à música com empenho social

No século XX, as duas Guerras Mundiais e a industrialização desenfreada dos anos 60 trouxeram outra onda musical que tinha no centro dos próprios textos a liberdade de pensamento, a possibilidade de resgate social e a exigência de um trabalho. Todos os Países têm canções deste gênero que já se tornaram cantos tradicionais: *Belle ciao* na Itália, *Le deserteur* composta por Boris Vian em 1956 para a França, *Masters of war* de Bob Dylan para os Estados Unidos, *El pueblo unido jamás será vencido* para o Chile.

No período pós-guerra desenvolveram-se em todas as Nações formas de cantar, compor e interpretar em favor dos “últimos e dos pobres”. Um exemplo disso são as belíssimas canções de Fabrizio De André, de Francesco Guccini, do inesquecível John Lennon, dos Depeche Mode, do introversivo Jacques Brel.

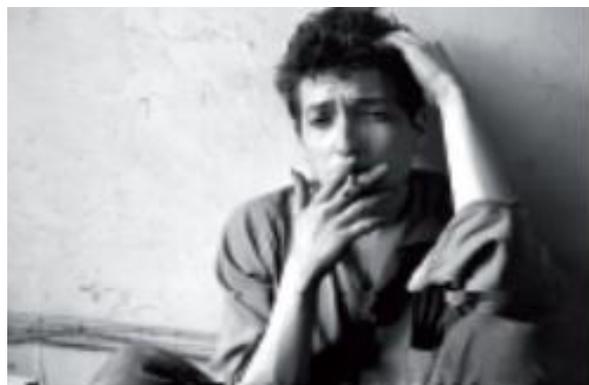
O bem-estar dos anos 80 e 90 levou tais cantores, mesmo os de fama internacional a focar as desigualdades sociais e as discriminações raciais. Como não lembrar: *Sunday bloody sunday* dos U2 no qual Bono canta sobre o “domingo de sangue” que se

verificou em 30 de janeiro de 1972 na cidade de Derry, no norte da Irlanda quando o exército do Reino Unido disparou sobre os participantes de uma manifestação matando catorze pessoas desarmadas e ferindo muitas.

Ou *Zumbis* de Cranberries que é uma clara denúncia da violência causada pelo conflito na Irlanda do Norte no dia seguinte ao atentado terrorista organizado pela Ira em Warrington, na Grã Bretanha, no qual um menino de 12 anos, Timothy Perry, perdeu a vida. De fato os zumbis aos quais se refere seríamos todos nós porque já viciados à violência; *Clandestino* de Manu Chao que se tornou o hino de todos aqueles que se sentem deserdados na própria terra e na própria nação; *Do they know it's Christmas?* composta por Bob Geldof e Midge Ure em 1984 e *We are the world* composta em 1985 por Michael Jackson e Lionel Richie e cantada por mais de 50 artistas, cujo dinheiro angariado foi doado à população da Etiópia, atormentada por uma desastrosa carestia; ou a mais recente *Living in Darfur* dos Mattafix em apoio aos direitos humanos em Darfur e em favor da cessação das hostilidades.

... ao marketing social

As canções com empenho social são também a “panaceia” para os cantores que se encontram em dificuldade com as vendas. As lojas de discos chamam esta fase da sua carreira: *redemption*. Se um cantor quer relançar-se basta que componha uma canção com fundo social e que empreenda uma batalha midiática em favor de uma intervenção social: natureza, desigualdades, racismo... Mas nós, que vivemos as canções com o coração, procuraremos sempre boicotar estas estratégias de venda porque ferem o que há de mais sagrado na música: *contar a verdade*.





A lição da janela

Finalmente, minhas amigas, o inverno pode dizer-se terminado! Volta o tempo bonito e com ele o sol, e com ele o calor, e com ele o dilema não resolvido da janela!

Isto porque na minha comunidade há um verdadeiro concentrado de especialistas em ciências da janela; tudo aquilo que pode ser aberto e fechado acaba sob o olhar vigilante de um exército de Irmãs que sobre portas, janelas e seja o que for poderiam escrever verdadeiros tratados!

Não o fazem por humildade – é óbvio! –, mas se a janela que dá luz ao corredor dos quartos da minha casa pudesse falar, falaria certamente de uma vida bastante movimentada pelo zelo de muitas...

São 5h30 da manhã. Ir. Giovanna: « Ar, ar!!! Aqui precisamos de ar puro!

E abre.

Às 7h30 Ir. Anna: « Aí está, é ainda cedo e já sentimos calor! Que fixação... ».

E fecha.

Às 9h30. Ir. Rosa: «Oh santa paz!!! Quanto sol bonito desperdiçado!!! ».

E abre.

Às 11h30. Ir. Paola: É possível que todos os odores da cozinha devam entrar no meu quarto?

E fecha.

Às 13h30. Ir. Enrica: « Bendita pobreza! Estamos em pleno dia e ficamos com as luzes acesas! ».

E abre.

Às 15h30. Ir. Maria: « Veja que corrente de ar! É claro, estamos com todas as portas escancaradas! ».

E fecha.

Às 17h30. Ir. Carmen: « Mas será possível?! Faz mais calor fora do que dentro! »

E abre.

Às 19h30. Ir. Rita: *Mamma mia* que umidade! Não existe mais respeito pelos meus reumatismos... ».

E fecha.

Às 21h30. Ir. Júlia: « Que entardecer estupendo! É impossível perder este espetáculo ».

E abre.

Às 23h30. Ir. Dolores: « Olhe aqui! Se depois entrarem os morcegos sou eu que devo levá-los para fora... ».

E fecha.

1h30 da madrugada. Insone, apoio-me nos seus vidros e, enquanto os toco levemente, pergunto-me o que pensa esta pobre janela das mil necessidades de quem lhe pede sempre algo diferente daquilo que está fazendo; que vida engraçada, você não acha?

Alguém passa ao seu lado e decide que você deve ficar de tal jeito e não do outro, e talvez somente porque não saiba prestar atenção às necessidades dos outros... «É sim Camilla, às vezes eu me aborreço com as suas contínuas pretensões...»... Ei, não façamos piadas, as janelas não falam!... « ...mas, depois ponho-me a pensar nas poucas palavras que acompanham aquele gesto que me abre ou me fecha... » ...Falam, falam... « ...e têm um sentido, têm um motivo! E então entendo que nasci para isso... devo apenas manter bem lubrificadas as minhas dobradiças para ranger o menos possível! ».

Falam e pensam. Certamente mais do que eu!

Palavra de C.



No próximo número

DOSSIÊ: Palavras e gestos: *de aproximação*

CULTURA ECOLÓGICA: Conversão ecológica

FIO DE ARIADNE: Quem ainda sonha?

PASTORALMENTE: Quando os jovens encontram a Palavra

FAZ-SE PARA DIZER: Hospedar



**VIVER É AJUDAR A VIVER.
É PRECISO CRIAR
OUTRA FELICIDADE
PARA SER FELIZ.
(RAOUL FOLLEREAU)**